



1290000006



FE

TCC/UNICAMP D34i

LÚCIA MARIA DE SANTIS

TÍTULO: INFÂNCIA: TEMPO DE BRINCAR?
(Um estudo sobre a infância das crianças ricas)

CAMPINAS

1998

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Lúcia Maria De Santis

INFÂNCIA: TEMPO DE BRINCAR?
(Um estudo sobre a infância das crianças ricas)

Trabalho realizado como
exigência para a conclusão
do curso de Pedagogia,
da Universidade Estadual
de Campinas – UNICAMP –
sob a orientação da prof^a
Zeila de Brito Fabri Demartini.

Campinas/1998

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
	JCC
	D34i
V:.....	
TOMES.....	6
PROC.....	124/2003
Q:.....	X
PREÇO.....	11,00
DATA.....	28/10/05
Nº CPD.....	311372

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

D34i

De Santis, Lúcia Maria.

Infância : tempo de brincar ? (um estudo sobre a
infância das crianças ricas) / Lúcia Maria De Santis. --
Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Zeila de Brito Fabri Demartini.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Infância. 2. Brincadeiras*. 3. Jogos infantis. 4.
Atividades extra escolares*. I. Demartini, Zeila de Brito
Fabri. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

- Tenho que fazer minha lição de casa!
- Tenho que fazer uma entrega!
- E eu tenho que ver meu programa de T.V.!
- Então acho que só dá tempo de brincar de guerra nuclear, não é?
- É.

BOOOM!

- Esta vida moderna exige brincadeiras cada vez mais curtas.

(Mafalda)¹

¹ Título original: Mafalda
Copyright Joaquim Lavado (Quino)
Copyright Livraria Martins Fontes Editora
Tradução: Andréa Ataíde M. da Silva
Letragem: Miriam Tomi

**Dedico este trabalho a todas as crianças,
de todas as partes do mundo, e
especialmente do Brasil, que por
diversos motivos, têm sua infância
comprometida, ameaçada, roubada, sem
terem condições de se defenderem. A
todas as crianças que são privadas de
seu direito de brincar, de serem
crianças.**

**(À minha querida sobrinha Carolina,
ofereço este trabalho, com a intenção de
ela sempre brinque, sonhe e seja feliz.)**

Agradeço à Profª. Zeila De Brito Fabri Demartini, por ter me orientado na realização deste trabalho e à Profª. Ana Lúcia Goulart De Faria, por ter sido sua segunda leitora. Agradeço ao Prof. Maurício Roberto da Silva, por sua gentileza em me ajudar, e a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para que eu pudesse realizá-lo e chegar até aqui.

“A criança não espera do adulto uma imitação infantilizada, mas exige uma posição clara e compreensível”.

Walter Benjamin

“O homem só se torna plenamente humano quando brinca”.

Schiller

SUMÁRIO

Introdução	8
Desenvolvimento do Trabalho	11
Cap. 1: As diferentes visões acerca da infância, da criança e do brincar, no decorrer da História	13
Cap. 2: Jogo, Brinquedo e Brincadeira Infantis: Definições e sua importância para a criança	23
Cap. 3: Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação Escolar	38
Entrevistas	45
Análise das entrevistas e Considerações Finais	65
Referências Bibliográficas	73

RESUMO:

O presente trabalho consiste em um estudo sobre a infância de crianças pertencentes à classes sociais elitizadas (crianças ricas), de uma escola da rede particular de ensino, destinada ao atendimento dessa clientela.

Inicialmente meu interesse era estudar, de maneira geral, os determinantes do que Marcellino (1990) chama de “furto do lúdico” na infância, ou seja, estudar os motivos pelos quais as crianças eram privadas de brincar, de vivenciar sua infância com o que ela tem de mais específico, ao meu ver, que é a brincadeira.

Devido à grande e diversa quantidade desses motivos (a miséria, o trabalho, o trabalho forçado – no caso das crianças pobres, o excesso de atividades que realizam as crianças ricas, etc), delimito meu campo de estudo, determinando - com a ajuda de minha orientadora - que estudaria apenas a infância (o brincar) das crianças ricas, um tema não muito explorado até o momento.

A escolha da escola na qual o trabalho de campo seria realizado deu-se pelo fato de que eu trabalho nessa escola. Isso, sem dúvida alguma, facilitou bastante o desenvolvimento do estudo, uma vez que eu conhecia as crianças e tinha com elas um bom relacionamento.

O trabalho de coleta de informações - observações e entrevistas - foi realizado com as crianças de forma prazerosa e descontraída, tanto para mim como para elas, que deixaram isso bastante claro, durante o processo e posteriormente.

Além da parte prática, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o assunto, não especificamente sobre o tema “infância das crianças ricas, ou infância da elite”, mas sobre as concepções de infância, sobre o brincar e sua importância para o desenvolvimento da criança, sua relação com a educação escolar...

O trabalho está dividido, basicamente, em quatro partes: 1) a introdução; 2) um histórico sobre a descoberta da infância e suas especificidades - dentre elas o brincar; 3) um capítulo que abrange os diferentes significados dos termos: brinquedo, jogo, brincadeira e sua importância para a criança; 4) um capítulo que relaciona o brincar com a educação escolar.

As leituras foram de extrema importância para o enriquecimento dos conhecimentos que possuía a respeito do assunto, além do respaldo teórico, fundamental em qualquer trabalho acadêmico. Contudo, atribuo a importância desse estudo ao fato de que nele estão as opiniões das próprias crianças, suas concepções a respeito do brincar, enfim, o que elas pensam a respeito de suas brincadeiras, de sua infância.

Que ele contribua para que essa prática seja cada vez mais realizada e valorizada por todos!

INTRODUÇÃO

Desde quando comecei a fazer os estágios do curso de Pedagogia, por volta do ano de 1995/96, em uma escola de ensino fundamental da rede pública estadual, deparei-me com uma questão, no mínimo, intrigante: as crianças quase não tinham tempo para brincar.

A brincadeira, as atividades de recreação, os jogos – educativos ou livres – são enfatizados como importantes na pré-escola, mas não na escola de ensino fundamental.

Comecei a me questionar a respeito da noção de infância que estaria perpassando os projetos pedagógicos de escolas como essa, e de outras, de maneira geral. A questão começava a colocar-se como um problema, digno, portanto, de estudo e aprofundamento.

Será que dos sete aos dez anos, aproximadamente – o que equivale a dizer da primeira à quarta série do ensino fundamental – a criança não deveria ainda estar brincando? A escola não teria a obrigação de oferecer um tempo razoável à criança, dispensado à brincadeira?

Na escola onde realizei as minhas "práticas de ensino" (estágios), a criança tinha aproximadamente quinze minutos de recreio, ou seja, quinze minutos para ir ao banheiro, pegar fila para comer a merenda servida pela escola e ainda brincar um pouco. Pouco? Que pouco?

Para mim, esse tempo apresentou-se como sendo extremamente curto, uma vez que se tratava de um intervalo valorizado pelas crianças e até mesmo aguardado por elas, para brincarem.

As atividades de educação física não valorizavam o seu tempo e seu espaço, dentro do currículo escolar, para desenvolver atividades recreativas ou que fossem preparadas para contribuir com o desenvolvimento físico e emocional dos pequenos. Estes, simplesmente, eram deixados na quadra

esportiva, com bolas e cordas, sem qualquer orientação de atividades a serem desenvolvidas.

Obviamente isso não é muito preocupante e problemático para as crianças que não perdiam tempo, começando logo a jogar bola – no caso dos meninos – e a pular corda – no das meninas.

Levando-se em conta que a Educação Física ocupa um pequeno espaço dentro do currículo escolar, o qual, por sua vez, privilegia outros conteúdos, quais são as condições de deixar a infância acontecer na escola, sem que seja sufocada em nome do bem da criança?

Inicialmente foi isto a que me propus estudar, ou seja, as condições concretas de que a infância dispunha para se desenvolver dentro da escola.

Iniciei minhas leituras a respeito da infância e da brincadeira, do jogo – e a que diferentes noções ele se destinava a definir – enfim, li a respeito da infância e de sua atividade mais expressiva: o brincar.

O tempo foi passando, os estágios acabando e eis que começo a trabalhar em uma escola da rede particular de ensino, destinada à uma clientela predominantemente formada pelas camadas mais altas da população, em termos sócio-econômicos, uma escola destinada à elite.

Comecei a perceber, então, que ao contrário do que eu pensava, aí também a infância - nesse período que compreende da 1ª à 4ª série do ensino fundamental e portanto, na faixa etária que vai dos sete aos dez anos – não havia muito espaço, na escola, para o brincar acontecer livre e prazerosamente.

Em conversa com minha professora/orientadora Zeila De Brito Fabri Demartini, ficou definido que eu iria estudar a infância das crianças ricas, uma vez que não se tem muita coisa escrita a esse respeito. O material bibliográfico produzido até agora, com relação à falta de condições do “ser criança plenamente”, está relacionado às crianças pobres que são lançadas precocemente ao mercado de trabalho, na luta pela sobrevivência, podendo deixar, com isso, de brincar.

Há muita coisa escrita a esse respeito, que, na maior parte das vezes, aponta como causas para o furto do lúdico, como diz Marcellino, o

trabalho infantil, ao qual as crianças são levadas pela condição de pobreza e miséria em que se encontram, pelo seu abandono por parte da sociedade, por causa da violência doméstica (o que pode acontecer nas diferentes camadas sociais), falta de oportunidades de estudar, etc.

O material bibliográfico que se encontra, quando da procura de algo a respeito da supressão da infância, ou sobre a falta de tempo e condições para a criança brincar, quase não se refere às crianças ricas ou de classe média alta que por vezes, não brincam, em função do excesso de atividades por elas praticadas cotidianamente.

Este trabalho aborda esta questão especificamente, sem deixar de levar em conta aqueles tantos outros fatores, já mencionados, que contribuem para o furto do lúdico em nossa sociedade.

Convido o leitor a um mergulho no universo da infância: em sua existência e em sua ausência.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Para a realização do presente estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a infância, especificamente sobre o brincar durante a infância, sua importância para o desenvolvimento da criança, as condições de sua existência ou inexistência durante esse período da vida, etc.

Foram separados os assuntos mais pertinentes para o presente trabalho, durante cuja realização, teve sempre em vista estudar a infância e com ela as considerações sobre a criança e o brincar, de uma perspectiva sócio-histórica.

Foi realizado um breve histórico da situação social da criança e de suas brincadeiras (contribuição da História e da Sociologia), juntamente com a utilização de algumas idéias trazidas da Psicologia e da Filosofia. Ao meu ver, é indispensável que busquemos referenciais, quer seja em uma ou mais ciências, para termos um mínimo de fundamentação teórica a respeito do que estamos estudando.

Utilizei-me de algumas idéias defendidas pela psicologia, para enfatizar a importância do brincar para o desenvolvimento psíquico e emocional das crianças, mas fundamentalmente, colocando a questão do ponto de vista do direito de brincar na infância, portanto enfatizo o aspecto sociológico da questão.

Foram realizadas entrevistas com crianças de idades variáveis entre sete e dez anos, compreendendo as séries escolares iniciais do ensino fundamental, com a finalidade de observar a variação das atitudes das crianças em diferentes faixas etárias, bem como as suas diferentes concepções a respeito do brincar, uma vez que as entrevistas abordam essa questão.

Considero as entrevistas, a principal fonte de informações deste trabalho, não desconhecendo a importância da bibliografia utilizada, uma vez que esta contribuiu, em grande medida, para a ampliação de meus conhecimentos a respeito da infância. No entanto, são as crianças a quem

devemos ouvir. São elas a quem devemos dar voz e vez, em um tipo de trabalho como este, destinado – espero eu – à contribuir com os estudos à respeito do furto do lúdico na infância, e justamente pelo fato de serem elas – as crianças – as mais e talvez as únicas personagens injustiçadas dessa história.

Foram entrevistadas cinco crianças de cada uma das quatro séries do ensino fundamental, de uma escola particular, a qual destina-se ao atendimento de uma clientela bastante elitizada. A escolha da escola deve-se ao fato de eu trabalhar devido ao fato de eu nela trabalhar como professora auxiliar, e justamente porque trabalho com essas quatro séries, o que sem dúvida alguma, facilitaria o meu contato com as crianças com as quais já me relacionava.

Mais adiante, quando apresento as entrevistas realizadas, acrescento maiores informações a respeito das mesmas.

Capítulo 1 : AS DIFERENTES VISÕES ACERCA DA INFÂNCIA, DA CRIANÇA E DO BRINCAR, NO DECORRER DA HISTÓRIA

Como se sabe, no decorrer da História, as concepções de infância sofreram modificações.

Aproximadamente até o século XVII, não se distinguia essa fase da nossa vida, da fase adulta ou da adolescência. *“Até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância. No latim dos colégios, pregava-se indiferentemente a palavra puer e a palavra adolescens (...)”* (ARIÉS, 1981, p. 41).

A esse respeito, Ariés proporciona-nos uma grande colaboração com suas colocações, fornecendo-nos dados sobre o infanticídio tolerado até o fim do século XVII. Segundo ele:

“não se tratava de uma prática aceita, (...). O infanticídio era um crime severamente punido. No entanto era praticado em segredo, correntemente talvez, camuflado, sob a forma de um acidente: as crianças morriam asfixiadas naturalmente na cama dos pais, onde dormiam. Não se fazia nada para conservá-las ou para salvá-las” (ARIÉS, 1981, p. 17).

Como se vê, não havia a preocupação, que hoje é bem mais comum, mas ainda não é palavra de ordem, com a criança. Portanto, como nos informa Ariés, não existia o sentimento de infância, enquanto uma importante fase da vida humana, anterior à fase adulta, e até mesmo à adolescência.

O autor aponta para o fato de que durante esse mesmo período que antecedeu o século XVII, a preocupação com o batismo dos pequenos, revelava uma maior atenção dispensada à vida após a morte dos mesmos, do que com a própria vida.

Nos séculos XVII e XVIII, o espaço privado organiza-se e a família torna-se uma instância importante na vida da sociedade. O sentimento familiar começa a se instaurar, num modo de vida antes dominado pela vida pública: em praças, festas, ruas... A família vai aos poucos ganhando “consciência histórica” (ARIÉS, 1981).

Ainda de acordo com o autor:

“Assistimos ao nascimento e ao desenvolvimento desse sentimento da família desde o século XV até o século XVIII. Vimos como, até o século XVIII, ele não havia destruído a antiga sociabilidade; é verdade que ele se limitava às classes abastadas, a dos homens ricos e importantes do campo ou da cidade, da aristocracia ou da burguesia, artesãos ou comerciantes. A partir do século XVIII, ele estendeu-se a todas as camadas e impôs-se tiranicamente às consciências” (ARIÉS, 1981, p. 273).

Ariés leva-nos mais longe no tempo (fazendo uma volta ao passado), colocando-nos diante de algumas considerações a respeito das idades da vida, originárias da Idade Média. Segundo ele:

“a primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de enfant (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras, pois ainda não tem seus dentes bem ordenados nem firmes, como dizem Isidoro e Constantino. Após a infância, vem a segunda idade... chama-se pueritia e é assim chamada porque nessa idade a pessoa é ainda como a menina do olho, como diz Isidoro, e essa idade dura até os 14 anos” (Le Grand Propriétaire de toutes choses, in ARIÉS, 1981, p. 36).

A partir do século XIV até o século XVIII, a iconografia revela-nos impressões da infância que são bastante relevantes para o presente estudo.

Vemos aí, informações a respeito do brincar daquela época. Esse novo dado também nos é apresentado por Ariés. Segundo o autor:

“primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar (...) As idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais (...)” (ARIÉS, 1981, p. 39).

É interessante tomar conhecimento de que *“a idéia de infância estava ligada à idéia de dependência (...) Só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos da dependência”* (ARIÉS, 1981, p. 42).

Se para nós, nos dias de hoje, a expressão “descoberta da infância”, pode parecer estranha, uma vez que, mesmo não reconhecendo (respeitando) o direito à infância de nossas crianças, o reconhecemos enquanto etapa importante da vida, voltando um pouco no tempo, vemos que foi exatamente isso o que aconteceu, ou seja, a infância foi aos poucos sendo descoberta, reconhecida enquanto tal.

A criança era algo insignificante e a idéia que prevalecia coletivamente entre os indivíduos era a de que não se fazia necessário chorar pela criança que havia morrido, uma vez que esta poderia ser simplesmente substituída por outra que viria, com certeza, logo em seguida. Era natural o pensamento de que *“se faziam várias crianças para conservar apenas algumas”* (ARIÉS, 1981, p. 56).

Esse pensamento pode parecer-nos um tanto quanto cruel, mas deixa imediatamente de assim sê-lo, quando tomamos contato com as condições demográficas de épocas passadas (de séculos anteriores ao nosso).

Da mesma maneira, não é preciso irmos tão longe, no tempo, bastando um olhar mais atento à determinadas regiões de nosso próprios país, ainda hoje, nas quais a situação de miséria é tamanha, que a morte de um filho

muitas vezes não é nem mesmo lamentada. Isso demonstra o aspecto sócio-histórico do sentimento de infância.

A partir do século XVII, descobre-se que a criança pequena tem um corpo, uma alma, hábitos e uma fala próprios. *“No fim do século XVI, o costume decidiu que a criança, agora reconhecida como uma entidade separada, tivesse seu traje particular”* (ARIÉS, 1981, p. 78).

Em fins do século XVI e sobretudo no século XVII, surgem dois sentimentos da infância: primeiro a paparicação e depois a moralização da infância. O autor coloca que:

“o primeiro sentimento da infância – caracterizado pela “paparicação” – surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior à família: dos eclesiásticos ou do homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes” (ARIÉS, 1981, p. 163).

O autor informa-nos também, de que no século XVIII encontra-se na família a paparicação, a preocupação moral e a preocupação com a saúde física e a higiene pessoal da criança.

Vemos, depois dessas pontuações feitas por Ariés, a respeito da infância, que sua duração era extremamente curta e a criança, em pouco tempo, unia-se aos adultos. Aos poucos, a infância começa a ser percebida, descoberta, e vale acrescentar que, nesse processo, a escola desempenhou importante papel.

É relevante citar uma colocação de Ariés, a respeito da escolarização:

“os moralistas e educadores do século XVII, herdeiros de uma tradição que remontava a Gerson, aos reformadores da universidade de Paris no século XV, aos fundadores de colégios do fim da Idade Média, conseguiram impor seu

sentimento grave de uma infância longa graças ao sucesso das instituições escolares e às práticas de educação que eles orientaram e disciplinaram. Esses mesmos homens, obcecados pela educação, encontram-se também na origem do sentimento moderno da infância e da escolaridade” (ARIÉS, 1981, pp.186-187).

É interessante mencionar, no presente estudo, como a escola surge para as crianças, com que objetivos e finalidades. Mais interessante ainda, é relacioná-la aos conceitos de jogos e brincadeiras. Se estes, num primeiro momento, eram comuns a crianças e adultos, aos poucos vão mudando essa característica de uniformidade.

Mais uma vez Ariès faz-se imprescindível para o entendimento do transcorrer da história dos acontecimentos relacionados à infância e ao brincar, devido à tão competente e aprofundado estudo acerca desses temas. Segundo ele:

“Ao mesmo tempo em que brincava com bonecas, esse menino de quatro a cinco anos praticava o arco, jogava cartas, xadrez (aos seis anos) e participava de jogos de adultos, como o jogo de raquetes e inúmeros jogos de salão. Aos três anos, o menino já participava de um jogo de rimas, que era comum às crianças e aos jovens (...) Aos seis anos, joga o jogo dos ofícios e brinca de mímica, jogos de salão que consistiam em adivinhar as profissões e as histórias que eram representadas por mímica. Essas brincadeiras também eram brincadeiras de adolescentes e de adultos” (ARIÉS, 1981, p.86).

Para o pensamento atual, isso é quase inconcebível, inaceitável, uma vez que temos muito clara a noção de separação entre os períodos de nossa vida, ou seja, infância, adolescência, idade adulta e velhice, mesmo que às vezes não as respeitemos, principalmente à primeira (infância) e à última (velhice).

Na época sobre a qual estamos falando, a educação em nada valorizava, ou até mesmo estava em oposição – se é possível dizer desta maneira – ao sentimento de infância, que estava começando a surgir.

Pelas colocações de nosso autor, isso fica evidente, e talvez seja possível (e necessário!) nesse ponto, pararmos e refletirmos acerca da educação nos dias de hoje. Será que a quase inexistente preocupação com a infância de tempos atrás foi superada e hoje é possível dizer que há uma grande preocupação com ela? Ou será que pouca coisa mudou de lá para cá?

Na verdade, com o passar do tempo, muitas coisas mudaram em nossa vida em sociedade, nossos hábitos, nossa maneira de ser e agir, porém talvez existam certas preocupações (ou despreocupações) que tenham sofrido menores alterações. Ariès faz algumas colocações bastante pertinentes a esse respeito, abordando a questão da mudança de atitude com relação à criança, e, por conseguinte, em relação às diferentes fases da vida, ou como no caso da escola (da educação), da falta de preocupação com essa questão. Segundo ele:

“As coisas mudam quando ele se aproxima de seu sétimo aniversário: abandona o traje da infância e sua educação é entregue então aos cuidados dos homens; (...). Tenta-se então fazê-lo abandonar os brinquedos da primeira infância, essencialmente as brincadeiras de bonecas: “Não deveis mais brincar com esses brinquedinhos (os brinquedos alemães), nem brincar de carreteiro: agora sois um menino grande, não sois mais criança”. Ele começa a aprender a montar a cavalo, a atirar e a caçar. Joga jogos de azar (...)” (ARIÈS, 1981, p. 87).

Pobre criança... O que passaria em sua cabeça? Sentia-se realmente uma “criança grande”, ou gostaria de continuar a brincar e agir, simplesmente como criança?

Talvez essa visão acerca da criança, daquele tempo, não difira muito da visão que se tem ainda hoje, de tantas crianças que são obrigadas a abandonar precocemente seu tempo de ser criança, de brincar, sua infância enfim, para trabalhar, na luta por sua sobrevivência e de sua família, ou mesmo

das que, em nome de um futuro promissor, estão sobrecarregadas de tarefas e atividades escolares e esportivas, que não lhes deixam tempo disponível para brincarem. É uma vez que estamos falando em trabalho infantil, citemos novamente, Ariès, que também trata dessa problemática inserida no contexto daquela época. Segundo esse autor::

"Tudo indica que a idade de sete anos marcava uma etapa de certa importância: era a idade geralmente fixada pela literatura moralista e pedagógica do século XVII para a criança entrar na escola ou começar a trabalhar" (ARIÈS, 1981, p. 87).

O divertimento, os jogos, as brincadeiras, ocupavam mais tempo no mundo antigo do que ocupam hoje, uma vez que o trabalho não tomava a maior parte do tempo das pessoas como acontece atualmente. Elas tinham uma importância muito maior, em termos de finalidades, de funções do que têm hoje em dia. Isso fica confirmado com algumas colocações de Ariès, a saber:

"(...) os jogos e os divertimentos estendiam-se muito além dos momentos furtivos que lhes dedicamos: formavam um dos principais meios de que dispunha a sociedade para estreitar seus laços coletivos, para se sentir unida" (ARIÈS, 1981, p. 94).

O compromisso para com a infância, no sentido da tomada de consciência de sua existência, é assumido ao longo dos séculos XVII e XVIII: é o estabelecimento da atitude moderna com relação aos jogos, da preocupação com a infância. Essa preocupação está ligada à idéia de moralização, de educação da infância, e, segundo Ariès, os jogos e brincadeiras aparecem nesse contexto, com a intenção de contribuir com a educação da infância, da seguinte maneira: *"proibindo-lhe os jogos então reconhecidos como maus, e recomendando-lhe os jogos então reconhecidos como bons" (ARIÈS, 1981, p. 104).*

Antes disso, dava-se que, de um lado, os jogos, sem distinção eram admitidos pela maioria e de outro, uma minoria poderosa e culta (intelectuais, moralistas, religiosos), os condenava. Existiam, portanto, dois extremos, como é possível de se observar e não havia um consenso a esse respeito. Pouco a pouco vão ocorrendo modificações na forma de se ver os jogos e brincadeiras. É interessante, além disso, acrescentar a relação que estes mantinham com a condição social das pessoas, como apresenta-nos Ariés. Segundo ele:

"(...) no século XVII, havia uma distinção entre os jogos dos adultos e dos fidalgos, e os jogos das crianças e dos vilões. A distinção era antiga e remontava à Idade Média. Mas na Idade Média, a partir do século XII, ela se aplicava apenas a certos jogos, pouco numerosos e muito particulares: os jogos de cavalaria. Antes disso, antes da constituição definitiva da idéia de nobreza, os jogos eram comuns a todos, independentemente da condição social. Alguns conservaram esse caráter durante muito tempo: Francisco I e Henrique II não menosprezavam a luta, e Henrique II jogava bola: isso não seria mais admitido no século seguinte" (ARIÉS, 1981, pp. 116-117).

Houve, então, uma separação entre os jogos de homens de bem, de boa condição e os jogos de crianças, que se misturavam aos dos plebeus.

Pensando nos dias de hoje, é possível estabelecer um paralelo de como a questão era tratada naqueles tempos, com o que acontece atualmente. Ainda hoje, vemos que há uma distinção social (que leva em conta a posição que o indivíduo ocupa na sociedade) entre os esportes e atividades desenvolvidas pelos diferentes tipos de indivíduos. Podemos citar como exemplo alguns esportes, praticados hoje, por homens de uma classe social privilegiada, como os jogos de golf, de pólo, tênis, etc.

Esses esportes não são praticados por qualquer um que tenha a intenção de fazê-lo, justamente porque há uma determinação social que extrapola a simples vontade do indivíduo (os equipamentos são caros, as

mensalidades das academias ou clubes que oferecem as modalidades são altas, etc).

O autor nos fornece, ainda, mais alguns elementos que comprovam a afirmação acima, de que com o passar do tempo, foi havendo uma separação entre os jogos. Segundo ele:

“Durante muitos séculos, os mesmos jogos foram comuns às diferentes condições sociais; a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles: alguns foram reservados aos bem nascidos, enquanto outros foram abandonados ao mesmo tempo às crianças e ao povo” (ARIÈS, 1981, p. 278).

Essas informações, a respeito de outros momentos históricos, são válidas para que sejamos levados a refletir sobre a questão da infância e especificamente da brincadeira infantil, no contexto atual, em nossa sociedade.

Ampliamos nossa visão acerca desse assunto, quando descobrimos que os fatos, os acontecimentos, as idéias, nem sempre foram como os concebemos hoje. É importante que nos conscientizemos a respeito do movimento contínuo da História, para não cairmos na armadilha de acreditar na estaticidade do mundo, das idéias, do pensamento humano.

As colocações de Ariès, até aqui apresentadas, os comentários e reflexões feitos até o momento, são, ao meu ver, fundamentais para um tipo de trabalho como este, que estuda a situação atual da infância em nossa sociedade (mesmo estando este estudo orientado para um determinado grupo social).

Penso que, quando se realiza um trabalho a respeito de um determinado fato social, do momento presente, sem que se faça uma volta ao passado, sem que se resgate a memória histórica de um povo, sobre esse fato, esse trabalho em minha opinião, apresenta-se bastante limitado e incompleto.

Não pretendo que o presente estudo dê conta da questão a que se propôs estudar, mas que venha a contribuir com o que já se fez e com o que tem sido feito a esse respeito.

No entanto, acredito que as informações utilizadas até o momento são bastante relevantes, até mesmo para darmos continuidade a este estudo.

A seguir serão colocados outros aspectos relacionados ao tema em questão, e dizem respeito, mais especificamente, à problemática tratada aqui.

Capítulo 2 – JOGO, BRINQUEDO E BRINCADEIRA INFANTIS: DEFINIÇÕES E SUA IMPORTÂNCIA PARA A CRIANÇA

• Ao contrário da palavra jogo – que denota várias situações como “uma partida de xadrez, um gato que empurra uma bola de lã, um tabuleiro com piões e uma criança que brinca com boneca” (KISHIMOTO, 1994, p. 1) – o termo brincadeira é mais comumente associado à criança. O termo brinquedo traz consigo a idéia de criança, de infância, portanto, como pontua Kishimoto (1994), *“a história do brinquedo só pode ser feita em estreita ligação com a história da criança”* (KISHIMOTO, 1994, p. 8).

A importância de um estudo a respeito desse assunto, foi abordada por Kishimoto, a qual se utiliza de várias concepções – da filosofia e da psicologia – para dar conta do tema em questão. Segundo essa autora:

“Filósofos e psicólogos também apresentam concepções, diversas de jogo infantil. Para uns, o jogo representa a possibilidade de eliminar o excesso de energia represado na criança (Spencer). Para outros, prepara a criança para a vida futura (Gross) ou, ainda, representa um instinto herdado do passado (Stanleyhall) ou mesmo um elemento fundamental para o equilíbrio emocional da criança (Freud, Claperède, Erikson, Winnicott)”. (KISHIMOTO, 1994, p. 10).

Mesmo defendendo idéias diversas e tendo diferentes pontos de vista, no que todos os autores, citados por ela, concordam, é que a brincadeira é muito importante para o desenvolvimento infantil. •

Continua a autora:

• *“Entre representantes da psicologia cognitiva, o fenômeno jogo assume os seguintes significados: para Wallon (1981), é uma forma de infração do*

cotidiano e suas normas. Bruner (1976) tem interpretação semelhante ao atribuir ao lúdico o poder de criar situações exploratórias propícias para a solução de problemas. Vygotsky (1988) e Elkonin (1984) entendem a brincadeira como uma situação imaginária criada pelo contato da criança com a realidade social. Piaget (1976), tendo como princípio básico a noção de equilíbrio como mecanismo adaptativo da espécie, admite a predominância na brincadeira, de comportamentos de assimilação sobre a acomodação” (KISHIMOTO, 1994, p. 10). *

Maurício Roberto da Silva, em um escrito intitulado “Sonhos de Criança: Trabalho ou Lazer”, dá relevante contribuição à importância da brincadeira infantil, fazendo citações de autores com Huizinga, Carrano, Araújo, e outros. A transcrição de alguns trechos desse escrito, é bastante elucidativa e pertinente. Para Huizinga, *“o brincar é uma experiência sempre criativa, uma continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver”* (HUIZINGA, 1980, p. 63).

Carrano complementa essa idéia, afirmando que “é preciso que haja a diminuição da obrigação e do constrangimento, e que sejam viabilizados espaço e tempo para o seu desenvolvimento” (CARRANO, op. cit.).

Araújo considera que *“o lúdico, associado à infância, é considerado ainda um momento romântico de encontro com a fantasia, o prazer, a alegria e a não seriedade do mundo”* (ARAÚJO, 1996, pp. 103-104).

* O autor do escrito, do qual foram extraídas essas considerações, dá continuidade à discussão, considerando que:

“essa redução do lúdico, ligada à esfera da não-seriedade, corrobora a imagem da criança como inutilidade e, talvez por isso mesmo, um objeto descartável, uma mercadoria manipulável. Em contrapartida, alguns estudiosos do jogo (Winicott, Wallon, Vygotsky, Piaget, Huizinga, Chateau e outros) consideram o jogo uma atividade vital para a criança e um dos elementos preponderantes do universo infantil, tão importante para a humanização da

criança, quanto o trabalho produtivo o é para o trabalhador adulto" (SILVA, op. cit., p.14).

Ele ainda acrescenta considerações a respeito da relação do brincar (da infância, do lúdico), com a lógica da produção na sociedade capitalista. Para ele, o lúdico não se submete a essa lógica, devido a seu caráter de liberdade e subversão da ordem e a *"idéia de lazer relacionada à ociosidade improdutiva e a de lúdico, à não-seriedade, reforçam em nossa sociedade a ideologia moralizadora de que o trabalho é um bem supremo, o dever, e que o brincar não é importante para o presente e o futuro e tampouco dá lucro"* (SILVA, op.cit., p.15).

•Se pensarmos na brincadeira infantil, no divertimento que o brincar proporciona às crianças, como uma atividade inútil, por não produzir bens consumíveis, utilizáveis pela sociedade, talvez sejamos mesmo levados a pensar que a criança vale menos do que o adulto (ser produtivo).

No entanto, não podemos pensar na infância e olhar para a criança nesses termos, com esse tipo de visão produtivista, utilitarista do ser humano, e nesse caso, da criança.

Continuando com a apresentação das idéias a respeito da importância do brincar, para a criança, segundo Leif & Brunelle (1988), *"Vygotsky deixa claro que, nos primeiros anos de vida, a brincadeira é a atividade predominante e constitui fonte de desenvolvimento ao criar zonas de desenvolvimento proximal. Ao prover uma situação imaginativa por meio da atividade livre, a criança desenvolve a iniciativa, expressa seus desejos e internaliza as regras sociais"* (LEIF & BRUNELLE, 1978, p. 43).

Após todas essas considerações, (visões, concepções), acerca da atividade lúdica – do jogo, da brincadeira – é importante entendermos o brincar como um direito da criança, e, como coloca Carrano (1992), o brincar é um direito de cidadania. Esse mesmo autor contribui para o aprofundamento da questão, quando afirma que:

“na discussão sobre as determinações sociais e psicológicas que condicionam a brincadeira infantil é preciso sublinhar que, se por um lado as condições objetivas de vida não subtraem integralmente o lúdico, por outro, estas condicionam e delimitam o caráter da brincadeira da criança”.

Continua o autor:

“É suficiente afirmar que a criança brinca em quaisquer circunstâncias, que ela sempre encontra um “jeitinho” para se divertir sozinha ou em grupo, no trabalho ou nas brechas do gerenciamento escolar. O lúdico é um elemento presente na vida da criança, mas para que sua expressão máxima se manifeste – jogo – é preciso que haja a suspensão da obrigação e do constrangimento, e, que sejam viabilizados espaço e tempo para o seu desenvolvimento” (CARRANO, 1992, p. 70).

Com essa afirmação, o autor nos ajuda a entender o que significa a expressão “direito de brincar”. Se a criança trabalha e não dispõe de tempo e oportunidades para a brincadeira, ou se realiza muitas atividades, que também lhe tomam quase todo o seu tempo, está sendo-lhe negada a possibilidade de vivenciar sua infância, com o que esta tem de melhor: a brincadeira!

Kishimoto também aborda a brincadeira como uma questão de cidadania e diz que *“devolvendo ao jogo o direito de cidadania, restituímos ao jogador a iniciativa, e à pessoa seu poder criador”.* (KISHIMOTO, 1994, p. 160).

Retomando a questão da valorização do adulto ou da criança, de acordo com o que produzem ou não, Zilberman (1990) dá uma importante contribuição para a compreensão dessas relações, ao considerar que vivemos em uma sociedade cuja organização social é adultocêntrica, ou seja, o adulto vale mais do que a criança pois produz mais do que ela. O sistema, portanto, define e classifica as pessoas de acordo com o que elas produzem. Dentro dessa lógica, por que o lúdico é inviável? Segundo Zilberman (1990):

“a racionalidade do sistema produtivo torna o lúdico inviável, pois o tempo do lúdico não é regulável, mensurável, objetivável. Toda tentativa de subordiná-lo ao tempo da produção provoca sua morte. Por isso ele é banido da vida cotidiana do adulto e permitido nas esferas discriminadas dos “improdutivos”. O lúdico, dentro do mecanismo do sistema, é a sua negação. Em seu lugar permite-se o lazer, o não-trabalho, coisa totalmente diferente do lúdico, que é o jogo, a brincadeira, a criação contínua, ininterrupta, intrínseca à produção” (ZILBERMAN, 1990, p. 20).

Essa autora traz um dado novo para nossa reflexão, o de que o lazer distingue-se do lúdico. Segundo ela, nossa sociedade permite-nos o momento do lazer, do não-trabalho, ou seja, do ócio, mas não a oportunidade de vivenciarmos o aspecto lúdico do viver, ou seja, a brincadeira, o jogo, a criação, etc.

A autora acrescenta ainda, que o tempo do lúdico, por isso tudo, não pode ser jamais o da produção capitalista. O primeiro identifica-se com a criança, o segundo com o adulto (ZILBERMAN, 1990).

Azevedo e Guerra (1995) também se referem ao adultocentrismo de nossa sociedade, introduzindo o conceito de poder. Para eles, *“o adulto tem, nas sociedades humanas geralmente adultocêntricas, mais poder que crianças e/ ou adolescentes”* (AZEVEDO e GUERRA, 1995, p. 57).

O grande problema, é que essa identificação da criança com o lúdico não lhe garante a vivência plena deste elemento. Ocorre o que Zilberman chama de *“bloqueio do lúdico”* (ZILBERMAN, 1990). Segundo essa autora, *“ao roubo do espaço, ao bloqueio do lúdico, oferece-se à criança, como substituição, a possibilidade de ela viver, através de produtos culturais aquilo que lhe é negado no real”* (ZILBERMAN, 1990, p. 25).

Nesse ponto, podemos iniciar uma discussão à respeito da indústria cultural dos brinquedos, a qual vê a criança como um consumidor em potencial, e se a propaganda for bem realizada, um consumidor real.

Tudo isso reflete a concepção que a sociedade tem de criança. Enquanto ela for vista como um ser incompleto, apenas um *“vir a ser”* que se

define em função do adulto (ser completo), esse desrespeito à criança continuará acontecendo.

A autora refere-se a esse ponto importante de nossa discussão, dizendo que:

“tal caracterização evolucionista da criança não esconde, enquanto procedente dessa corrente de pensamento, um critério valorativo que atribui ao adulto – “ser completo”- os pontos positivos no confronto com a criança. Partindo-se dela, a criança é sempre alguma coisa imperfeita que necessita ser lapidada, educada. E a lapidação será feita segundo critérios fixados pelo adulto, pois este representa, na perspectiva evolucionista, o estágio mais avançado do organismo vivo em suas diferentes fases” (ZILBERMAN, 1990, p. 12).

Ainda a esse respeito, Leif & Brunelle (1978) continuam, apontando uma saída, alternativa, para evitar que a criança seja tratada injustamente pela sociedade (pelos adultos). Eles dizem que:

“procurar nos jogos de todas as idades as características da atividade lúdica constitui, sem dúvida, o único meio de escapar ao adultocentrismo que faz do jogo da criança e do adolescente ou a imitação da idade adulta ou então a recusa da maturidade” (LEIF & BRUNELLE, 1978, p. 15).

Precisamos enxergar a criança como um ser histórico, produtora de história, de cultura, importante para a sociedade, e não um ser passivo, inútil, somente receptor da cultura do adulto.

Infelizmente, o lugar que, ainda hoje, a criança ocupa em nossa sociedade, é o de receptora, e por que não dizer, de apenas consumidora dos produtos culturais produzidos para ela pelo adulto.

“Essa visão redutora da cultura ajusta-se ainda, evidentemente, aos desígnios da sociedade que a promove, sociedade baseada na

desigualdade que privilegia certos grupos em detrimento de outros. Em tais condições, a criança passa a ser somente o depositário de um mundo criado pelo adulto, sem ter jamais reconhecidos os seus direitos de intervir ativamente no processo sócio-cultural que lhe diz respeito. A cultura passa a exercer uma função domesticadora e coercitiva, dificultando a participação da criança na História enquanto sujeito” (ZILBERMAN, 1990, p. 16).

A respeito do reconhecimento da infância enquanto direito da criança, as autoras Maria Amélia Azevedo e Viviane de Azevedo Guerra, colocam que:

“independentemente da cultura e sociedade em que se inspira, a infância tem de ser reconhecida como um valor universal, a demandar um duplo reconhecimento: a) de sua condição específica enquanto ser humano, pessoa em desenvolvimento, necessitando de proteção e cuidados especiais. Infância não é uma natureza, mas é uma condição concreta de existência, em qualquer parte do planeta Terra; b) de sua condição peculiar enquanto ser político sujeito de direitos, necessitando proteção legal enquanto cidadão de primeira classe” (AZEVEDO e GUERRA, 1995, p. 57).

As autoras colocam ainda que “a consciência da infância brasileira como sendo um segmento minorizado da população, valorizado no discurso mas desvalorizado na prática, como uma cidadania de segunda classe (...), é um dos fatores que sutilmente autoriza os adultos do país a violarem crianças e adolescentes na rua, em casa, na escola, etc (...) Não se trata somente de redescobrir a criança, assim como suas necessidades reais e não fictícias; trata-se de reconhecê-la como protagonista, na mesma qualidade de todos os outros atores que estão a seu lado, da construção de uma vida coletiva nova e diferente, dentro da qual os valores de as crianças são portadoras estejam também presentes, tenham também importância. Trata-se também de dar um novo sentido à relação adultos/crianças, reconhecendo uma ação (e não

somente uma reação) da criança e estabelecendo benefícios significativos que só podem nascer do reencontro acontecido entre duas "autoridades", mesmo que elas sejam diferentes, mesmo que elas não estejam no mesmo plano" (AZEVEDO e GUERRA, 1995, pp. 78-79).

Essas colocações são, ao meu ver, grande riqueza e relevância para as reflexões que estamos fazendo aqui. Elas ajudam-nos a reconhecer, de maneira bastante especial, a importância da valorização e da proteção de nossas crianças. Não somente no Brasil, mas pelo mundo inteiro, há crianças que todos os dias são desrespeitadas, maltratadas humilhadas e nada é feito em sua defesa.

Reconhecer a criança enquanto cidadã, portadora de direitos que de maneira nenhuma poderiam ser ignorados, é um dever de toda a sociedade.

No presente trabalho, defendo o direito da criança à brincadeira, ao brincar, o seu direito de ser criança enfim, mesmo estando ciente de que há muitos outros direitos dela, a serem defendidos. Especificamente, trato da infância das crianças ricas, às quais, supomos, nada falta.

Retomando a importante contribuição da bibliografia apresentada neste estudo, são interessantes também, as citações de Zilberman sobre Huizinga, Winnicott, Leif & Brunelle. O autor coloca que:

"para Johan Huizinga, a ligação lúdico/jogo e cultura é estabelecida de uma perspectiva social: "A cultura surge sob a forma de jogo (...) em suas fases mais primitivas a cultura possui um caráter lúdico, (...) ela se processa segundo as formas e no ambiente do jogo (op. cit., p. 53).

Por sua vez, Winnicott, chama a atenção para a brincadeira como base para a participação cultural. Só que, enquanto o jogo é visto por Huizinga de uma perspectiva sócio-cultural, a brincadeira é enfocada por Winnicott de uma perspectiva individual. Este autor destaca a riqueza da experiência do

brincar, como base para a captação criativa da herança e da formação dos indivíduos. Para ele:

“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)” (WINNICOTT, 1975, p. 80).

As considerações de Winnicott são bastante interessantes, por ampliarem a importância do brincar para a criança. Ele diz que:

“... o brincar conduz naturalmente à experiência cultural e, na verdade, constitui seu fundamento” (ibid., p. 147). Leif & Brunelle também fazem sua vinculação de dependência entre a criatividade e a atividade lúdica (op. cit., p. 107). E a relação entre o jogo e a criação cultural, também é efetuada por Chateau, ao destacar suas possibilidades, enquanto exercício de todas as faculdades da criança e seu caráter gerador de “atividades superiores” (op. cit., p. 122) concluindo que “... é pelo jogo que a humanidade se insinua por toda parte, e é pelo jogo que essa humanidade se desenvolve” (ibid., p. 123)” (MARCELLINO, 1990, p. 48).

°Não poderia deixar de citar, nesse ponto, Marcellino que faz algumas considerações a respeito do furto do lúdico na infância. Considero essa expressão “furto do lúdico”, a “veia”, a chave-mestra deste trabalho, uma vez que minha intenção é justamente, a de mostrar como a criança pode ser privada de suas brincadeiras, de seu tempo de brincar, de seu tempo de ser criança, em nome de uma mais completa preparação para o futuro, o devir. Segundo ele:

“a análise da criança inserida na sociedade demonstra que, de uma perspectiva mais geral, o que vem se verificando, de modo crescente, é o furto da possibilidade da vivência do lúdico na infância, ou pela negação temporal e espacial do jogo, do brinquedo, da festa, ou mesmo através do consumo “obrigatório” de determinados bens e serviços oferecidos como num grande

supermercado. A sociedade burguesa, instrumentalizando a cultura, destacando o seu caráter produtivo e sua manifestação enquanto produto apenas, desvaloriza, ou até mesmo, deixa de considerar a criança enquanto tal, por não reconhecê-la como produtora de cultura” (MARCELLINO, 1990, pp. 54-55). °

^ O furto do lúdico, para Marcellino, tem como uma de suas causas, a preparação para o futuro, ou seja, aquele acontece em consequência deste. Em nome dessa preparação, a criança é impossibilitada de viver o presente, de vivenciar sua infância.° A obrigação precoce, via escola, segundo o autor, pode tomar tanto tempo da criança, que esta quase não consegue arrumar tempo para brincar. Em seguida, ele discorre sobre a importância dessa atividade. Para esse autor:

“o primeiro e fundamental aspecto sobre sua importância é que o brinquedo, o jogo, a brincadeira, são gostosos, dão prazer, trazem felicidade. E nenhum outro motivo precisaria ser acrescentado para afirmar a sua necessidade. Mas deve-se considerar também que, através de prazer, o brincar possibilita à criança a vivência de sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da cultura da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de “produtividade social” (MARCELLINO, 1990, p. 72).”

É muito importante, como ressalta Bruhns, termos sempre em mente que ao refletirmos sobre determinado fato social – neste caso, sobre a brincadeira infantil – que o que acreditamos ser sensato hoje, não o foi em determinadas épocas e, talvez, não será em outras. Porém, é importante que a reflexão seja feita, para que alguma contribuição seja dada. A esse respeito, Bruhns diz que:

“ao analisar um fenômeno social, dentro das práticas nas quais ele está inserido, faz-se necessária a determinação de suas características nas diversas

etapas históricas do desenvolvimento da vida em sociedade, ressaltando a mudança na característica dessa prática, conforme foram se alterando as relações no processo de produção. A reflexão sobre a nossa realidade cultural remete-nos ao processo histórico que a produz, bem como às relações de poder e ao confronto de interesses dentro da sociedade. Os traços culturais são recriados, reincorporados ou readaptados. Alguns são extinguidos ou mesclados, dando lugar a uma nova configuração. Refletir sobre a realidade cultural, requer consideração sobre o processo histórico que a produz” (BRUHNS, 1996, p. 36).

Bruhns também faz algumas considerações a respeito da relação ludicidade/produtividade, interessantes para reforçar o que foi dito sobre isso até aqui. Segundo essa autora:

“o jogo, com suas características lúdicas, vem se mostrar subversivo nesta ordem das coisas, apresentando-se improdutivo numa sociedade onde valores dominantes voltam-se para a produção e o consumo, sendo o homem valorizado pela capacidade de produzir e consumir” (BRUHNS, 1996, p. 38).

As colocações que se seguem são de fundamental importância no presente estudo, por contribuírem para a reflexão sobre o tema deste trabalho.

Marcellino escreve a respeito do tempo da criança, nas obrigações e no lazer. Segundo ele:

“a socialização das crianças predestinadas ao sucesso, pela sua situação de classe, começa cada vez mais precocemente. O fundamental para essas ocupadas, o que significa administrar seu tempo. Essa é a recomendação desde os “jardins de infância” e das escolas “pré-primárias”” (MARCELLINO, 1996, p. 82).

O autor considera ainda, que:

“o adestramento para o tipo de caráter social exigido, o uso do tempo na infância varia de acordo com o momento histórico, as classes sociais e os sexos” (MARCELLINO, 1996, p. 86).

Marcellino continua, com considerações bastante pertinentes, e diz que:

“na nossa sociedade, e particularmente nas grandes cidades, ainda que por razões bem diferentes, independente das classes sociais, as crianças não têm tempo e espaço para vivência da infância, como produtoras de uma “cultura infantil”. Negado, na sociedade moderna urbano-industrial, para o ser humano como um todo, em nome da racionalidade e da produtividade, o lúdico ficou restrito à criança, considerada como uma faixa etária “improdutiva”. Mas, mesmo para a criança, o lúdico vem sendo negado, cada vez mais precocemente” (MARCELLINO, 1996, p. 86).

E, de acordo com Magalhães Pinto (1996):

“o corpo que brinca sintetiza a vivência privilegiada do lazer. Em outras palavras, sintetiza o lúdico. Por sua vez, o lúdico, (...) materializa a experiência sócio-cultural movida pelos desejos de quem joga e coroada pelo prazer. Prazer que se funda no exercício da liberdade e, por isso, representa conquista de quem pode sonhar, sentir, decidir, arquitetar, aventurar e agir, esforçando por superar os desafios da brincadeira, consumindo o processo do brinquedo, recriando o tempo, o lugar e os objetos em jogo e usufruindo do seu produto, que, em sua exuberância, é uma festa” (MAGALHÃES PINTO, 1996, p. 96).

Os autores citados, até o momento, neste trabalho, ainda escrevem, em defesa do lúdico, coisas muito bonitas e interessantes, importantes no sentido do resgate do sonho, da fantasia, da maravilha que é a infância bem vivida, bem brincada. De acordo com Freitas e Marcellino:

“um dos aspectos fundamentais da vida é o seu caráter lúdico, que se expressa em sua espontaneidade: por mais que tentemos forçar a vida em um rumo “certo”, por mais que tentemos direcioná-la a um futuro pré-estabelecido, ela sempre cria seus próprios caminhos, constrói seus próprios atalhos e subverte os projetos programados, aquelas pré-para-ações que não lhe dizem respeito. E é o lúdico que fornece à vida essa capacidade criadora. É o lúdico quem abre as portas para o sonho, a magia e a utopia (Alves, 1987) – o lúdico que passa voando pelo céu da Escola, o lúdico que a criança ainda tem olhos para ver” (FREITAS e MARCELLINO, 1996, p. 126).

O que dizer depois de tão cabíveis e sensatas colocações?

“No máximo, o que posso dizer é que concordo elas e que lamento o fato de nem todas as crianças terem a oportunidade de brincar livre e espontaneamente, despreocupada e desinteressadamente, tendo como único interesse o prazer imediato que o brincar proporciona.”

Nazaré Cristina Carvalho contribui para a reflexão sobre a criança, a infância, a brincadeira e a ludicidade, dizendo que:

“o brincar da criança não gera lucro, no entanto, proporciona prazer e alegria, coisas esquecidas por grande parte dos adultos envolvidos em seu cotidiano, preocupados em sobreviver, e que através da escola querem fazer com que a criança também as esqueça” (CARVALHO, 1996, p. 301).

Ela também faz colocações pertinentes, com relação à nossa sociedade, baseada na atividade produtiva, no trabalho, no lucro advindo destes, enfim à sociedade capitalista. Segundo essa autora:

“no mundo do trabalho não há espaço para o brincar, considerando que este nada tem de produtivo na forma que preconiza o capital. O mundo do trabalho adquiriu dimensões onde não há espaço para o homem manifestar sua

ludicidade. Valoriza-se a produção em detrimento do processo de humanização” (CARVALHO, 1996, p. 301).

Mesmo tendo esse assunto, sido até aqui, tão bem abordado pelos diversos autores que foram mencionados, a autora – acima citada – também contribui com o debate, por reforçar as idéias defendidas neste trabalho.

² Ainda com relação a esses aspectos, Kishimoto aborda muito bem a questão, ao dizer que:

“cada cultura tem maneiras de ver a criança, de tratar e educar. Entre as antigas concepções, a criança vista como homem em miniatura revela uma visão negativa: a criança é um ser inacabado, sem nada específico e original, sem valor positivo. É contra essa visão que, a partir do século XVIII, Rousseau, no Emílio, divulga a especificidade infantil, a criança como portadora de uma natureza própria que deve ser desenvolvida”. E continua: “A infância é, também, a idade do possível. Pode-se projetar sobre ela a esperança de mudança, de transformação social e renovação moral. A infância é portadora de uma imagem de inocência: de candura moral, imagem associada à natureza primitiva dos povos, um mito que representa a origem do homem e da cultura (...). A imagem da infância é reconstituída pelo adulto, por meio de um duplo processo: de um lado, ela está associada a todo um contexto de valores e aspirações da sociedade, e, de outro, dependente de percepções próprias do adulto, que incorporam memórias de seu tempo de criança. Assim, se a imagem de infância reflete o contexto atual, ela é carregada, também, de uma visão idealizada do passado do adulto, que contempla sua própria infância. Reconstituir a infância expressa no brinquedo é reconstituir o mundo real com seus valores, modos de pensar e agir e o imaginário presente no criador do objeto” (KISHIMOTO, 1994, pp. 109-110).

Essas colocações de Kishimoto reforçam ainda mais a importância e a grandeza do brincar para a formação e desenvolvimento da criança e, para

aqueles que ainda não se convenceram desse fato, vale conhecer um pouco mais as idéias de Vygotsky e seus seguidores. Silvia Zanatta Da Ros fornece-nos esses conhecimentos considerando que:

"(...) o conteúdo do brincar se mostra pela forma como a criança se apropria dos objetos culturais, como produto da atividade humana" (DA ROS, 1994, p. 142).

A autora continua, seguindo a mesma linha de pensamento, dizendo que:

"muitas vezes, as ações imaginadas estão subordinadas a determinados significados, cujas regras são impraticáveis na vida real pela criança. Por isso, o brincar cria um mundo de possíveis ações que o dia a dia não permite exercitar e que estão além das possibilidades habituais da criança" (DA ROS, op.cit., p. 143).

Além de tudo o que foi falado até aqui, de contribuições que o brincar acrescenta à experiência infantil, uma vez que é elemento essencial da cultura infantil, DA ROS (1994) traz elementos contribuintes para nossa reflexão, com um novo dado: o de que "o brincar cria um mundo de possíveis ações que o dia a dia não permite exercitar e que estão além das possibilidades habituais da criança".

• Sem dúvida nenhuma, a experiência do brincar e o que ele proporciona à criança, no momento em que se realiza, em termos de alegria, prazer, divertimento, são tão ricos, que não seria preciso, como foi dito, acrescentar nenhum outro motivo para que seja defendido enquanto um direito da criança.^o

Capítulo 3 – JOGO, BRINQUEDO, BRINCADEIRA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

◦ No que diz respeito ao brincar infantil relacionado à educação escolar, Kishimoto faz as seguintes considerações:

“na área da educação, teóricos como Chateau (1979), Vial (1981) e Alain (1986) assinalam a importância do jogo infantil como recurso para educar e desenvolver a criança, desde que respeitadas as características da atividade lúdica” (KISHIMOTO, 1994, p. 10).

De maneira geral, a brincadeira é vista como ameaçadora da disciplina (Carrano, 1992). Carrano aponta o fato de que atividade infantil livre, na qual as crianças se organizam em grupos de brincadeiras, ameaça a disciplina escolar, que por sua vez tenta controlar tempo, espaço e quaisquer atividades. ”

É relevante a colocação do autor a respeito do tempo livre. Segundo ele:

“a perspectiva que busca encarar no tempo livre apenas o momento da negatividade e da ausência do projeto educativo, deixa de perceber o importante papel que a brincadeira infantil possui no processo de constituição do sujeito social. A negação do tempo livre e do espaço de brincadeiras, em última análise, acaba sendo a negação do próprio jogo infantil, da possibilidade da constituição dos grupos de brincadeiras, e da não percepção do papel estruturante da brincadeira e do lúdico para o processo de desenvolvimento do sujeito” (CARRANO, 1992, p. 75).

Já que estamos falando em projeto educativo, abordando a questão do lúdico no contexto escolar, é muito importante refletirmos a respeito do que acrescentam Leif & Brunelle (1978). Para eles:

“o casamento que hoje vemos na escola entre o jogo e o trabalho só se tornou possível por uma perversão do jogo e uma aberração do trabalho – introduz-se no primeiro a suposta austeridade do segundo, esperando que o primeiro alegre o segundo” (:11-12, in Carrano, 1992, p. 78).

Não deveríamos utilizar a palavra trabalho para referirmo-nos às atividades escolares. Ela é, em minha opinião, por demais, pesada, dura, austera para uma criança. Logicamente essa palavra não tem origem dentro da escola, mas fora dela. Foi tomada emprestada da lógica da produção do mundo capitalista, dentro do qual, sem dúvida, a escola está inserida. Esse mundo tem como força motriz, o trabalho, que por sua vez gera a produção, que será consumida pela sociedade, por seus indivíduos.

Voltaremos a essa discussão mais à frente, sendo interessante, neste momento, acrescentar aqui, mais algumas considerações de Carrano. De acordo com esse autor:

“a questão não se encontra, portanto, no banimento do jogo e o lúdico da escola, nem na instrumentalização do jogo, que adjetivado enquanto “atividade educativa”, inibe a criatividade, a livre organização dos alunos e submete sua finalidade unicamente aos objetivos externamente colocados pelo adulto. O problema também não está na transformação de todo trabalho escolar em atividade lúdica (...) Não podemos entender o lúdico e a brincadeira infantil, nem como objetos desestabilizadores do cotidiano escolar, nem simplesmente como recursos auxiliares para o atingimento de condutas e conteúdos escolares” (CARRANO, 1992, p. 78).

Essa sobreposição “do trabalho” escolar em relação à vivência do lúdico, a valorização do primeiro em detrimento do segundo, na maior parte das escolas (sempre há exceções!), é mais facilmente entendido quando lançamos nosso olhar sobre a sociedade capitalista e seu funcionamento.

Marcellino também faz colocações muito pertinentes para este estudo, com relação ao lúdico, associando-o à educação e à produção na sociedade capitalista. Segundo ele:

“a necessidade da recuperação da força do lúdico na educação fica ainda mais patente, se considerarmos que o processo educativo, tal como se manifesta, na sociedade contemporânea, é voltado, quase que exclusivamente, para a “vida produtiva” (MARCELLINO, 1990, p. 47).

Freitas e Marcellino, fazem observações muito interessantes e pertinentes com relação à escola e à ludicidade. Para eles, a escola marca o fim do tempo das não-obrigações, do brincar. Marcellino complementa, dizendo que *“a Escola marca o limite definitivo entre o tempo da infância ociosa e o tempo do relógio, dos deveres, das obrigações” (FREITAS e MARCELLINO, 1996, p. 119).*

“... A vivência lúdica pela criança, seja no esporte ou no brincar, se encaixa em uma preparação para o modo de vida adulto, visando a manutenção da ordem vigente” (NETO, 1996, p. 117).

* Com essa consideração, o autor chama nossa atenção para com o descaso que se tem com a criança em nossa sociedade.

FREITAS e MARCELLINO (op. cit.), consideram que:

“pela lógica do depois (O que você vai ser quando crescer?), a Escola desvaloriza, por um lado, as experiências atuais, concretas da criança e, por outro, a própria infância, vista como uma etapa intermediária para a maturidade, sendo a criança um projeto incompleto do adulto. A alegria que a Escola promete à criança não é uma alegria da (nem para a) criança, mas uma alegria de (e para) adultos, a ser desfrutada depois de muito esforço, muita disciplina, muitas lições de casa, muitas provas, muitas brincadeiras não brincadas (...)” (FREITAS e MARCELLINO, pp. 120-121).⁹

„Os autores defendem a idéia, fundamental neste TCC, de que a brincadeira, o lúdico, devam ter um fim em si mesmos e não estejam sempre carregados de valores educativos. ‘

• Não podemos nos esquecer da importância do brincar pelo prazer que proporciona à criança, além de todas as outras grandes contribuições dessa atividade, no desenvolvimento infantil. ^ Alegria, espontaneidade, liberdade, criatividade: estes são os principais elementos da ludicidade e, de acordo com Freitas e Marcellino:

“o lazer educativo é vazio de lúdico, porque perde a espontaneidade característica deste e traz em seu bojo, ao contrário, a obrigatoriedade das tarefas pré-estabelecidas, que devem ser desempenhadas conforme o jogo previamente estipulado pela Escola” (FREITAS e MARCELLINO, 1996, p. 123).

Menezes também fala a respeito do espaço da brincadeira na escola, com considerações complementares ao que foi dito a esse respeito até aqui. Segundo ele:

“tentativas de esquadrihar o jogo, a partir de paradigmas racionais, são facilmente evidenciadas atualmente no âmbito escolar:

Utilização do jogo como mecanismos facilitadores da aprendizagem, utilização de jogos como meios para dispersão de energias fora da sala , utilização de jogos como meio para transmitir conteúdos programáticos definidos pelo professor, etc. Observa-se uma tentativa de institucionalização do jogo/lúdico, o que parece um grande equívoco, uma vez, que o mesmo encerra dimensões subjetivas da vida humana que não devem ser ditadas nem controladas” (MENEZES, in “Motrivivência”, 1996, p. 176).

Scheibe (1996), no prefácio da revista Perspectiva da UFSC: “A Modernidade, a Infância e o Brincar” (1994), considera que discutir a respeito da brincadeira na infância é um ato de resistência (no campo da educação) em uma

sociedade com uma visão produtivista, mesmo nos primeiros anos de escolaridade. A racionalização extrema dos processos educativos, segundo a autora, não parte de uma reflexão sobre a infância mas se deixa influenciar pelo marketing de um mundo mercantilista (capitalista).

Vale enfatizar o fato de que todas essas discussões, a respeito da importância do brincar para a criança, estão diretamente relacionadas à visão de criança por parte da sociedade.

Diante de tudo o que foi falado até aqui, não restam dúvidas a respeito da importância do brincar para a vida da criança e faz-se, portanto, necessária, a sua defesa, por nós, adultos, enquanto um direito desta.

O que este trabalho pretende, é saber o que as crianças pensam de suas brincadeiras, se elas estão satisfeitas com o tempo e os espaços entre suas obrigações, que lhes dispensamos para o brincar, sem cobranças ou interferências.

O que as crianças têm a dizer, e no caso deste trabalho, o que as crianças ricas têm a dizer a respeito de seu tempo para brincar, de sua infância, de seu tempo de ser criança.

Essas crianças que, supomos, têm de tudo e às quais não falta nada, dão aqui seu depoimento, suas opiniões, enfim são ouvidas.

SOBRE AS ENTREVISTAS

Uma vez que eu trabalho na escola na qual este estudo foi realizado e tinha já, um certo envolvimento afetivo com as crianças, não me coloquei apenas como mera observadora (mesmo tendo me dedicado também à esta tarefa), mas sim como uma pesquisadora participante, uma observadora atuante, se posso chamar assim.

Além de ter um conhecimento prévio a respeito das crianças, de suas atividades diárias, de um pouco de suas rotina e portanto, de suas vidas, uma vez que, como em todo tipo de relações humanas, diariamente são trocadas informações e conhecimentos (e talvez isso aconteça com bastante ênfase no processo educacional de ensino-aprendizagem), fui para campo, disposta a obter maiores informações, dados que eu ainda desconhecia.

Meu local de trabalho tornou-se meu campo de estudo era meu campo de trabalho e não foi difícil estabelecer contato com as crianças, as quais, como já foi dito anteriormente, eu conhecia.

As entrevistas foram realizadas em conversas informais e descontraídas, com as crianças, sem um questionário pré-determinado anteriormente.

Nessas conversas, elas deram suas opiniões a respeito do que consideravam como brincadeira, se algum tipo de atividade que realizavam poderia ser considerada como tal, disseram quais eram suas brincadeiras preferidas, se dispunham de muito ou pouco tempo para brincarem, etc.

As concepções de infância das crianças entrevistadas, foram de fundamental importância no estabelecimento de considerações a respeito do tempo que dispunham para brincarem.

As informações a respeito das profissões de seus pais e de como suas famílias estão estruturadas (número de pessoas que compõem cada família, quem são seus integrantes), também foram dadas por elas.

As entrevistas estão agrupadas de acordo com a série escolar das crianças e conseqüentemente de acordo com a idade, uma vez que, de maneira geral, uma acompanha a outra, ou seja, na primeira série as crianças têm entre sete e oito anos, na segunda série, de oito a nove, e assim sucessivamente.

As anotações das informações obtidas com as conversas, foram feitas enquanto a criança falava, e também considerações foram feitas, imediatamente após as conversas, para que nada (nenhuma informação) fosse perdida. As entrevistas encontram-se, portanto, apresentadas em terceira pessoa.

O nome da escola onde o trabalho foi realizado, das crianças envolvidas, bem como de seus pais, não serão revelados, uma vez que isso foi estabelecido anteriormente e tenha sido colocado como condição para o desenvolvimento deste estudo.

Solicitei a presença de cada criança fora da sala de aula, mas durante o período de aula, e para que não houvesse nenhum comprometimento do andamento das aulas e do aproveitamento destas, por parte das crianças, as conversas não duraram mais do que dez minutos, tempo que foi ao meu ver, suficiente para que eu obtivesse as informações de que necessitava. Esse processo aconteceu duas vezes com cada criança, em dias diferentes e tanto para mim como para as crianças, posso dizer que foi uma experiência muito gostosa, divertida, interessante e enriquecedora (parece até que estamos falando de brincadeiras novamente!).

ENTREVISTAS REALIZADAS

1) Crianças da primeira série (1ª série):

Primeira criança:

Tem sete anos.

Seus pais são separados. O pai é dono de um restaurante e a mãe, formada em odontologia, no momento não está trabalhando.

Sua família é composta por ela, uma irmã e sua mãe.

Quando questionada a respeito do que considera ser brincadeira, responde que é quando se está em companhia de seus amigos, porque desse modo, é mais gostoso, é mais divertido. Em sua opinião, tudo o que é divertido é brincadeira.

Nadar é sua brincadeira favorita, mas também gosta de brincar de polícia-ladrão, pega-pega, etc. Com sua irmã mais velha do que ela, dois anos, diz que mais briga do que brinca.

Diz que brinca bastante, depois da escola, quando chega em casa e não tem muita tarefa para fazer. Quando tem lição de casa, primeiro faz isso e depois vai brincar. Ela costuma brincar no parquinho do prédio em que mora. Pratica basketebol duas vezes por semana depois do horário da escola.

Segunda criança:

Tem sete anos.

Sua família é composta por quatro pessoas: ela, seu pai, sua mãe e um irmão, além de um primo que está morando com eles para estudar.

Seu pai ocupa um cargo de gerência na “Champion” (executivo) e sua mãe é arquiteta.

Para ela, brincar é fazer tudo o que é gostoso, o que é legal. Diz que quando se faz alguma coisa sem vontade, por obrigação, não é brincadeira, somente é brincadeira quando o que se faz é gostoso.

Diz que brinca, mas que também faz natação e ballet, duas vezes por semana cada uma das atividades, sempre depois da aula. Diz que gosta dessas atividades e de brincar também.

Brinca na escola, na hora do recreio e também quando chega em casa e não está muito cansada, brinca com seu irmão, mesmo sendo mais velho do que ela (ela tem 7 anos e o irmão 10 anos).

Terceira criança:

Tem sete anos.

Sua família é composta por quatro pessoas: ela, sua irmã, seu pai e sua mãe. O pai ocupa um cargo de direção na “Champion” (executivo) e sua mãe é professora na escola.

Brinca na escola, na hora do recreio e acha que está bom assim, ou seja, não acha que precisaria de mais tempo para brincar. Em casa, ela também brinca *quando não está muito cansada e não tem lição de casa* (grifo meu).

Ela faz cerâmica e natação, duas vezes por semana cada uma das atividades, depois do horário de aulas. A natação é para ela uma brincadeira pois ela gosta muito. Já a cerâmica, diz que é mais ou menos uma brincadeira. Diz que quando se faz o que se quer, é brincadeira, quando alguém manda, não é.

Brinca com a irmã de vez em quando, e com uma amiga, só nos finais de semana.

Quarta criança:

Tem sete anos.

Sua família é composta por ela, a mãe, o pai e o irmão mais velho.

O pai é piloto e a mãe é médica.

Para ela, tudo o que é legal, divertido, gostoso, é brincadeira. O que gosta mais de fazer é brincar na piscina com o irmão, ou no computador. Também brinca de jogar bola, de esconde-esconde, pega-pega, brinca com o cachorro, etc.

Diz que brinca bastante, principalmente na escola, porque todos os dias da semana tem um atividade depois do horário de aulas. Ela faz ginástica, natação, piano e ballet.

Para ela, o ballet é uma brincadeira pois ela adora e faz desde bem pequena. A ginástica e a natação também são brincadeiras para ela, porque ela gosta muito de praticar.

Quando tem tarefa escolar, ela faz assim que chega em casa. Quando não, assiste um pouco de televisão. Diz que às vezes, *chega em casa tão cansada, que somente come, toma um banho e vai para a cama (grifo meu)*.

Quinta criança:

Tem sete anos.

Em sua casa vivem: ela, duas irmãs mais velhas, o pai e a mãe.

O pai é veterinário, por formação, mas tem uma fábrica de rações para animais e a mãe, uma loja de tintas, mas também trabalha com o marido.

Brincar para ela, é fazer alguma coisa que é legal, gostosa, quando os amigos estão junto, pois sozinha não é tão bom. Enfim, brincar em sua opinião, é quando se faz algo divertido. Diz que quando se tem que fazer coisas que não se quer fazer, não é brincadeira, e somente se pode dizer que se está brincando, quando se está fazendo alguma coisa que é legal e se tem vontade de fazer.

Faz basquete duas vezes por semana e assiste as aulas de catecismo que a irmã faz, uma vez por semana, que diz somente poder começar a fazer, quando fizer oito anos.

Brinca mais na escola do que em casa e que o basquete é uma brincadeira, porque ela gosta muito de jogar.

CRIANÇAS DA 1ª SÉRIE:

O QUE PARA ELAS É BRINCADEIRA E QUAIS SÃO SUAS BRINCADEIRAS PREFERIDAS

De maneira geral, as crianças da 1ª série dizem que brincar é fazer tudo o que é gostoso.

Suas principais brincadeiras são: pega-pega, esconde-esconde, polícia-ladrão, brincar no parquinho, nadar, etc.

Tudo o que é divertido, na opinião dessas crianças é brincadeira.

O QUE NÃO É BRINCADEIRA, MAS PODE VIR A SER:

Assistir televisão ou mexer no computador, quando chegam em casa muito cansadas ou quando não têm muita lição de casa, pode ser uma brincadeira, desde que seja gostoso e a criança esteja com vontade de fazer.

Algumas atividades e esportes podem ser consideradas brincadeiras, uma vez que a criança goste dele (a) e faça por interesse próprio e não por obrigação.

2) Crianças da segunda série (2ª série):

Primeira criança:

Tem oito anos.

Família composta por ela, o irmão, o pai e a mãe.

O pai trabalha na 3M (executivo) e a mãe não trabalha fora de casa.

Diz que brincadeira é uma coisa gostosa. Para ela, é possível brincar sozinha, mas é mais gostoso com amigos, com o irmão ou com o cachorro.

Diz que brinca no recreio e em casa quase sempre vai para a piscina. Brinca também com o irmão mais velho e com o cachorro. Depois da escola tem atividades quase todos os dias da semana: ballet duas vezes por semana, francês e natação em dois outros dias da semana (um em seguida do outro).

O ballet, para ela, é uma brincadeira, porque ela gosta bastante, já a natação, diz que é mais ou menos uma brincadeira, e o francês não é, porque aí, em sua opinião, somente se está aprendendo, não está se divertindo.

Segunda criança:

Tem oito anos.

A família é composta por ela, o pai, a mãe e uma irmã mais velha.

O pai ocupa um cargo de direção na "Elma Chipps" (executivo) e a mãe é médica.

Brincar, para ela, é fazer alguma coisa gostosa, desde brincar com algum jogo, até conversar e ouvir música. Não brinca com a irmã por causa da diferença de idade, pois diz que a irmã não tem paciência com ela.

Faz ballet e francês, duas vezes por semana cada uma das atividades, depois do horário da escola.

Diz que brinca na escola, na hora do recreio e em casa também. Vai à casa de algum amigo ou eles vêm à sua, porque mora em um condomínio fechado e ela pode fazer isso, pois sua mãe deixa.

O ballet é para ela uma brincadeira, porque ela gosta muito de fazer, no entanto deixa de pensar isso, quando tem que repetir muitas vezes o mesmo exercício até cansar, pois desta maneira, torna-se algo chato de se fazer.

Terceira criança:

Tem oito anos.

Em sua casa moram: ela, a irmã mais nova, o pai e a mãe.

O pai vende sementes (comerciante) e a mãe é arquiteta e artista plástica.

Ela diz que brincar é fazer coisas que se gosta, tudo o que é divertido, legal.

Diz que brinca quando não tem muita lição e não está muito cansada quando chega em casa. Gosta de brincar com a irmã menor, o que faz todos os dias.

Faz natação e ballet, duas vezes por semana cada uma das atividades. O ballet é para ela uma brincadeira, pois ela faz desde pequena e diz gostar muito. Já estudar não é uma brincadeira, pois ela não gosta nem um pouco de ter que fazer isso, e somente faz porque é obrigada. Mesmo assim gosta da escola porque graças a ela, tem muitos amigos.

Quarta criança:

Tem oito anos.

Em sua casa vivem: ele, dois irmãos, o pai e a mãe.

O pai é dono de uma Companhia de Computadores e a mãe não trabalha fora, mas às vezes, dá aulas de inglês e casualmente, faz substituições de professores.

Faz futebol, basquete e natação. Esta última atividade, pratica mais por insistência da mãe que considera a atividade importante, do que propriamente por gostar de nadar.

Considera o futebol e o basquete como se fossem brincadeiras, pois gosta de praticá-los, mas a natação não acha que seja uma brincadeira.

Diz que não brinca muito, não por não querer, mas por não ter muito tempo para isso, uma vez que sempre tem muita lição de casa para fazer, por ter que estudar todos os dias e ter tantas atividades para desenvolver.

Quinta criança:

Tem oito anos.

Sua família é composta por ele e a mãe. Os pais são separados. Ambos são médicos.

Para ele, brincar é fazer alguma coisa gostosa; quando se está com vontade de fazer o que você quiser, sem ninguém mandar você fazer. Em sua opinião, quando alguma coisa é legal, aí é brincadeira, se é chato, não é brincadeira.

Diz que quase não brinca (a não ser na escola), pois não tem irmãos e quase não sai de casa para ir à casa de amigos. Depois da escola, tem aulas particulares, assiste televisão e às vezes, anda de bicicleta pelo condomínio onde mora.

Diz que brinca mais na escola e nos finais de semana quando então, a mãe deixa que alguns amigos venham à sua casa.

CRIANÇAS DA 2ª SÉRIE:

O QUE PARA ELAS É BRINCADEIRA E QUAIS SÃO SUAS BRINCADEIRAS PREFERIDAS

A opinião dessas crianças, com relação ao que seja o brincar, não mudou muito, em comparação às concepções das crianças da 1ª série.

Estas também associam o brincar ao que é bom, gostoso, divertido, prazeroso. Como exemplo, podemos citar: nadar, brincar com os amigos de pega-pega, brincar com algum jogo, brincar no computador, etc.

O dado novo que aqui se pode acrescentar, é que a maior parte dessas crianças dizem que brincar com os amigos é melhor do que brincar sozinho.

O QUE NÃO É BRINCADEIRA, MAS PODE VIR A SER:

Assim como as crianças da 1ª série, estas também dizem que a prática de esportes pode ser considerada como uma brincadeira, a partir do momento que a criança não tenha sido obrigada a fazê-lo, mas sim tenha muito gosto em praticá-lo.

Estas crianças acrescentam que até mesmo conversar com os amigos pode ser uma brincadeira quando é divertido e gostoso.

3) Crianças da terceira série (3ª série):

Primeira criança:

Tem nove anos.

Sua família é composta por ela, dois irmãos, o pai e a mãe.

O pai é dono de uma loja de computadores e a mãe não trabalha fora.

Ele faz futebol, basquete e natação, sempre depois da escola e duas vezes por semana cada uma das atividades. Faz catecismo também, mas somente às sextas-feiras.

Diz que, mesmo tendo a semana toda ocupada com essas atividades, brinca, pois sempre arruma um “tempinho” para isso. Nos finais de semana, almoça fora, vai ao cinema e brinca às vezes.

Brincar, em sua opinião é jogar vídeo-game, nadar, brincar com o irmão, de qualquer coisa (diz que brinca mais com o irmão mais novo do que com amigos), nadar e até assistir televisão. Segundo ele, tudo o que é gostoso de se fazer, é brincadeira.

Segunda criança:

Tem nove anos.

A família é composta por ela, a irmã e a mãe.

Os pais são separados. O pai é dono de um restaurante e a mãe trabalha com jóias.

Depois da escola, jogava basquete, mas isso começou a atrapalhar nos deveres escolares, e, mesmo gostando, precisou parar.

Quando chega em casa, ela vai um pouco ao parquinho do prédio onde mora, para a piscina ou para o computador (internet) e depois precisa parar para fazer a lição de casa.

Diz que às vezes não brinca porque está muito cansada quando chega em casa, no fim da tarde.

Em sua opinião, brincadeira é tudo o que é diversão, o que é gostoso.

Ela diz que os esportes que podem ser considerados como brincadeira, desde que a criança goste do que está fazendo, Suas brincadeiras preferidas são: esconde-esconde, polícia-ladrão, gato-mia, etc.

Brinca sempre com a irmã mais nova.

Terceira criança:

Tem nove anos.

Sua família é composta por ele, a irmã, o pai e a mãe.

A mãe não trabalha fora de casa e o pai ocupa um cargo de gerência na empresa "Champion".

Faz francês e natação, depois da aula, duas vezes por semana cada atividade. Quando não tem muita lição de casa, consegue brincar um pouco, geralmente na piscina.

Diz que não tem vontade de praticar nenhum outro esporte, "só tenho vontade de chegar em casa e descansar", confessa. Diz também, que gostaria de ter mais tempo para brincar.

Brincar, em sua opinião é fazer o que se está com vontade, sem ninguém ficar mandando, sem ter hora certa, fazer o que é divertido, o que é gostoso.

Quarta criança:

Tem nove anos.

Mora com a mãe e o padrasto. Os pais são separados há cinco anos. A mãe é produtora e apresentadora de programa de televisão. O padrasto é diretor de uma agência de publicidade.

Faz judô, duas vezes por semana, depois da aula e catecismo às sextas-feiras. Brinca um pouco no recreio ou fica conversando com os amigos e, em casa, brinca com os cachorros ou chama alguns amigos para irem até lá. Nos finais de semana tem sempre algo para fazer: ir à casa dos avós, sair com a mãe, fazer compras, almoçar fora e andar pelo condomínio onde mora.

Brincar, para ela, é tudo o que é divertido. Praticar esportes, em sua opinião, pode ser brincadeira, contanto que a pessoa goste. E continua, dizendo que brincar com os amigos é mais gostoso do que brincar sozinha.

Quando, durante a prática do esporte, há alguma competição, um jogo, ela considera uma brincadeira, mas a criança precisa gostar do que está fazendo, caso contrário, ela nunca vai achar que o esporte que está praticando, é uma brincadeira.

Quinta criança:

Tem nove anos.

Mora com os pais e um irmão.

O pai é comerciante e a mãe não trabalha fora, somente ajuda o pai às vezes, em sua loja.

Faz francês e tênis, duas vezes por semana cada um deles. Jogava basquete, também, mas este mudou de horário e era impossível conciliar com os estudos e as outras atividades.

Como mora em uma fazenda, diz que gosta de subir em árvores, andar a cavalo, e faz isso geralmente sozinha. Essas são suas brincadeiras preferidas. Brincadeira, segundo ela, é alguma coisa que se gosta de fazer, principalmente com os amigos. Acrescenta ainda que esporte é um jogo e também uma brincadeira e que isso acontece quando se gosta do esporte que se está praticando.

CRIANÇAS DA TERCEIRA SÉRIE:

O QUE PARA ELAS É BRINCADEIRA E QUAIS SÃO SUAS BRINCADEIRAS PREFERIDAS

Brincar, para elas, é jogar vídeo-game, fazer algumas coisas comuns às duas séries anteriores, como jogar bola, brincar de pega-pega, esconde-esconde, gato-mia, polícia-ladrão, (jogar) algum jogo, etc.

O QUE NÃO É BRINCADEIRA, MAS PODE VIR A SER:

Novamente aqui não se encontram grandes diferentes com relação às concepções das crianças sobre o que pode vir a ser uma brincadeira, uma vez que a maior parte delas associa o brincar ao divertimento, ao prazer, como já foi dito anteriormente.

Conversar com os amigos pode ser uma brincadeira, assistir televisão, ouvir música, mexer no computador (Internet), etc.

A prática de esportes também aparece aqui, na maior parte dos casos (pois há quem diga que isso não seja brincadeira e sim atividade que visa a competição), como sendo brincadeira, contanto que a criança que os pratique goste do que está fazendo.

O único requisito, como se vê, para que algo seja considerado brincadeira, é sua estreita ligação com o prazer, a alegria (o riso), a diversão, a satisfação.

4) Crianças da quarta série (4ª série):

Primeira criança:

Tem dez anos.

Mora com os pais e uma irmã.

Seu pai é comerciante e a mãe não trabalha fora.

Ele faz aulas de francês às 2^{as} e 4^{as} feiras, piano e tênis de 5ª feira e diz que ainda assim arruma um pouco de tempo para brincar.

Na escola, brinca com os amigos no recreio, joga bola ou conversa apenas, o que em seu entender também é uma brincadeira.

Quando está em casa, gosta de mexer com a terra (mora em fazenda), pegar frutas no pé em companhia da mãe ou do pai. Diz também que perde bastante tempo em frente à televisão, quando não tem muita lição para fazer.

Brincadeira, em seu entender, é tudo o que é divertido. Diz que quando alguém pratica um esporte, isso não é brincadeira, porque é sério, é um jogo, uma competição. E acrescenta que brincar é jogar vídeo-game, sozinho ou com os amigos, jogar bola com os amigos, além de outras coisa que se pode fazer, contanto que ninguém mande, ninguém controle.

Segunda criança:

Tem dez anos.

Sua família é composta por ela, dois irmãos e os pais.

Seu pai é executivo, trabalha na "Rigesa" (indústria de papel), e a mãe é professora na escola.

Faz baskete uma vez por semana, depois do horário de aulas, menos por gostar, do que pela importância atribuída ao esporte, pela mãe.

Na escola, brinca um pouco, mas fica mesmo conversando com os amigos, enquanto está comendo, na hora do recreio.

Nos finais de semana é que brinca com os amigos, vizinhos, que vêm à sua casa ou às cujas casas ela vai.

Diz que gostaria de ter mais tempo para brincar.

Brincar, em seu entender, é quando se reúne os amigos e se diverte, jogando vídeo-game, por exemplo. Para ela, quando se pratica esportes e tem jogos, é brincadeira, mas você tem que gostar do esporte, senão não é.

Diz que brinca muito com o irmãozinho menor, que tem dois anos apenas.

Terceira criança:

Tem dez anos.

Mora com os pais e uma irmã menor.

O pai trabalha na “Champion” (indústria de papel) e a mãe é professora na escola.

Faz natação de 2ª feira, depois da aula, cerâmica de 3ª feira, piano de 4ª feira e hipismo de 5ª feira.

Ela diz que gostaria de ter mais tempo para brincar, pois durante a semana é quase impossível, devido à quantidade de atividades. Vai parar com o piano, pois é preciso muita dedicação e ela não tem tempo para isso.

Nos finais de semana, anda de bicicleta, brinca na piscina, assiste TV ou brinca no computador. Com a irmã menor, diz que brinca pouco, por causa da diferença de idade.

O hipismo é para ela uma brincadeira, pois ela gosta muito, já a natação não, porque ela faz mais por obrigação do que por prazer.

Diz que brincadeira é tudo o que é gostoso de se fazer, tudo o que é divertido. Em sua opinião, às vezes até assistir TV é uma brincadeira, quando se está com vontade.

Quarta criança:

Tem dez anos.

Mora com os pais e um irmão mais novo.

O pai é bancário e a mãe dá aulas esporádicas, como professora substituta.

Brincar, em sua opinião, é quando se faz o que se gosta. Ela continua, dizendo que jogar basquete, por exemplo, é mais ou menos uma brincadeira, porque ela não gosta tanto disso. Também pensa dessa maneira com relação ao futebol. Entretanto, esconde-esconde, pega-pega, vídeo-game, são brincadeiras, porque se faz isso quando se está com vontade, sem que se tenha a obrigação de fazê-los.

Diz que gostaria de ter mais tempo para brincar, pois tantas atividades não lhe deixam tempo disponível.

Ela faz baskete às 2^{as} e 4^{as} feiras, cerâmica de 3^a feira, jazz duas vezes por semana e catecismo uma vez por semana, sempre depois da aula. Quando chega em casa, depois dessas atividades, está cansada e só assiste um pouco de TV, janta, toma banho e vai dormir. Quando não tem lição de casa, anda um pouco de bicicleta.

Quinta criança:

Tem dez anos.

Sua família é composta por ela, duas irmãs e os pais.

O pai é comerciante e a mãe também. Cada um dono de um negócio.

Suas brincadeiras mais comuns são: pega-pega, queimada e outros jogos com os amigos na escola, na hora do recreio.

Em casa, diz que não brinca muito, quase sempre fica na Internet. Diz que não tem muitos amigos de sua idade na vizinhança, e com as irmãs, mais briga do que brinca, devido à diferença de idade (uma tem 7 anos e a outra 13; ela tem 10 anos).

Faz basketê às 2^{as} e 4^{as}, e catecismo de 6^a feira, depois da escola.

Ela diz que tudo o que se faz, desde que se divirta, é brincadeira. E acrescenta, dizendo que esporte é para competir, não para brincar, mas se você gosta muito, então é também uma brincadeira.

CRIANÇAS DA 4ª SÉRIE:

O QUE PARA ELAS É BRINCADEIRA E QUAIS SÃO SUAS BRINCADEIRAS PREFERIDAS

De acordo com essas crianças, brincar é andar de bicicleta, jogar vídeo-game, nadar, se reunir com os amigos para conversar, jogar bola (no caso dos meninos), ficar em frente ao computador brincando com jogos ou na Internet, jogar queimada, etc.

Como é possível de se observar, quase não há dados novos em suas concepção acerca da brincadeira e do brincar. Apesar da diferença de idade e de série, as crianças aqui apresentadas, não pensam muito diferentemente das outras crianças já mencionadas anteriormente.

O QUE NÃO É BRINCADEIRA, MAS PODE VIR A SER:

Mais uma vez, as crianças descritas aqui, associam o brincar às atividades que proporcionam alegria, divertimento, satisfação. A única diferença talvez esteja na maneira como elas respondem a esse questionamento a respeito do que seja brincadeira.

As crianças da 4ª série dizem que assistir televisão pode ser uma brincadeira, conversar com os amigos, e praticar um ou mais esportes (ou desenvolver outras atividades). Uma vez que a criança goste do que faz, isso pode ser considerado como brincadeira, como por exemplo: jogar futebol, basquete, fazer natação, dançar ballet, etc.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS/ CONSIDERAÇÕES

FINAIS

Com base nas entrevistas realizadas, que foram na verdade, conversas informais com as crianças, pude perceber (e isso está explícito em suas falas) que a brincadeira, o brincar, estão associados ao prazer, à diversão, à alegria, ao que é bom e gostoso. Esse dado foi encontrado em todas as entrevistas, nas concepções de todas as crianças, sem exceção, independentemente da idade ou série escolar. Isso indica que essa idéia faz parte do “senso comum infantil”, se é que se pode dizer assim.

Outra observação importante, é com relação ao tempo de brincar dessas crianças, uma vez que este é um dos aspectos principais deste trabalho. Na verdade, eu tinha uma hipótese inicial, que era a de que as crianças ricas, sobrecarregadas de atividades impostas pelos pais (pelos adultos, que parecem há muito terem se esquecido de quão gostoso é brincar!), e devido à permanência na escola durante um longo período do tempo (cerca de 7 horas e meia diárias), não teriam muito tempo ou quase nenhum, para brincarem.

Segundo as próprias crianças, elas brincam (afinal toda criança brinca, e gosta de brincar, não é mesmo?). A pergunta “Você brinca?”, de maneira geral (e isso ficou claro nas reações que ela provocava nas crianças, de espanto, admiração...), pareceu um tanto quanto estúpida para as crianças, uma vez que seria normal perguntar isso a um adulto, mas não a uma criança, visto que é quase evidente que uma criança goste de brincar, brinque e passe toda sua infância brincando. No entanto, isso é evidente para elas – crianças – pois nós, adultos, sabemos que na realidade não é bem isso o que sempre acontece.

É consenso entre adultos e crianças, que estas últimas gostem de brincar, uma vez que essa atividade parece algo intrínseco à elas. O que não se pode admitir é o fato de que muitas crianças estão sendo privadas dessa rica,

importante e necessária experiência, desse **direito** fundamental de toda criança, o direito de brincar, e como foi dito anteriormente por Azevedo e Guerra:

"independentemente da cultura e sociedade em que se inspira, a infância tem de ser reconhecida como uma valor universal, a demandar um duplo reconhecimento: de sua condição específica enquanto ser humano, pessoa em desenvolvimento, necessitando de proteção e cuidados especiais (...); de sua condição peculiar enquanto ser político sujeito de direitos, necessitando proteção legal enquanto cidadão de primeira classe" (AZEVEDO e GUERRA, 1995, p.57).

Nas entrevistas realizadas, fica evidente que as crianças associam a brincadeira a algo divertido, gostoso, prazeroso, e isso ocorre de maneira absolutamente geral, ou seja, todas as crianças, sem exceção, fazem esse paralelo, essa relação.

A diferença está em que algumas delas consideram que praticar esportes também possa ser considerado como brincadeira, enquanto que outras pensam de forma diferente. Porém a maioria considera o esporte como brincadeira, contanto que ele esteja associado à diversão, ao prazer, e isso somente é possível quando a criança gosta do esporte que pratica. Caso contrário, quando é feito por obrigação, por determinação dos pais, deixa de ser brincadeira e passa a ser atividade imposta, sem nenhuma característica lúdica.

O que eu esperava encontrar na fala de todas as crianças, ou pelo menos, da grande maioria, era que elas não tinham quase tempo para brincar, e, esta afirmação, foi feita apenas por algumas crianças.

Uma outra observação que pode ser feita é com relação às crianças que têm irmãos, brincarem ou não com estes. Isso não é regra geral, ou seja, dentre as crianças que têm um ou mais irmãos, algumas delas brincam com estes, outras não. Estas últimas dizem que o que impede a brincadeira entre elas é a diferença de idade. Algumas dizem que por esse mesmo motivo, brigam mais com o (s) irmão (s) do que brincam. Apenas duas crianças, de

todas as entrevistadas, não têm irmãos e nem por isso brincam menos do que as que têm.

Confesso que estaria decepcionada por não ter minhas hipóteses confirmadas, se não fosse a relação estabelecida entre as respostas e as concepções das crianças a respeito do brincar. É quase óbvio que uma criança que pratique um, dois ou três esportes e goste de todos eles, considerando-os como brincadeiras, não dirá que não dispõe de tempo para brincar, uma vez que ela, enquanto está desenvolvendo suas atividades esportivas, em sua opinião, está também brincando.

Talvez a riqueza de informações que obtive tivesse sido maior, se os pais também fossem ouvidos. No entanto, minha intenção era dar ouvidos ao que as crianças tinham a dizer, e refletir sobre isso, e não ao que os adultos tinham a dizer.

Ao meu ver (um modo de ver adulto), minhas hipóteses estão confirmadas: as crianças ricas, não devido aos mesmos fatores que roubam a infância das crianças pobres, mas também como elas, quase não brincam. Estão sobrecarregadas de atividades (esportes, etc) e de estudos (deveres escolares, tarefas, trabalhos...), o que quase não lhes deixa tempo para se dedicarem livre e espontaneamente às brincadeiras (novamente, como eu as concebo: escolhidas livremente, sem a interferência do adulto, sem restrições, sem imposições e cobranças).

Contudo, nem todas me disseram isso. Eu apenas obtive elementos que me levaram a pensar desse modo e a chegar a essas conclusões.

Gostaria de lembrar aqui, o que nos diz Marcellino, a esse respeito, dizendo que "a socialização das crianças predestinadas ao sucesso, pela situação de classe, começa cada vez mais precocemente. O fundamental é que elas estejam ocupadas, o que significa administrar seu tempo. Essa é a recomendação desde os "jardins de infância" e das escolas pré-primárias" (MARCELLINO, 1996, p.82).

O autor enfatiza a questão da precoce obrigatoriedade de determinadas atividades, das crianças das classes mais privilegiadas da população, e está nesse fato a importância de sua citação neste estudo.

É interessante retomar, nesse ponto, Zilberman, quando coloca que "ao roubo do espaço, ao bloqueio do lúdico, oferece-se à criança, como substituição, a possibilidade de ela viver, através de produtos culturais aquilo que lhe é negado no real" (ZILBERMAN, 1990, p.25).

Com as crianças ricas, o consumo desses produtos culturais acontece em grande medida, talvez até, desmesuradamente, uma vez que têm fácil acesso a esse universo que é o do consumismo.

Também Marcellino discorre a respeito do furto do lúdico e é interessante retomá-lo aqui, para depois estabelecermos um paralelo com a observação que pode ser feita a respeito do que as crianças disseram nas entrevistas. Segundo esse autor:

"a análise da criança inserida na sociedade demonstra que, de uma perspectiva mais geral, o que vem se verificando, de modo crescente, é o furto do lúdico na infância, ou pela negação temporal e espacial do jogo, do brinquedo, da festa, ou mesmo através do consumo "obrigatório" de determinados bens e serviços oferecidos, como num grande supermercado" (MARCELLINO, 1990. pp.54-55).

Apesar de algumas crianças terem dito que dispunham de pouco tempo para brincarem, a maioria delas, que neste trabalho, expressam seus pensamentos, suas opiniões, fazem suas considerações a respeito de suas brincadeiras e de seus momentos de brincar, não acreditam (ou não percebem) que tenham pouco tempo para isso.

Como foi dito anteriormente, penso que estaria sendo ingênua se minha reação diante dessas considerações fosse de decepção, espanto ou frustração, pois o que elas dizem a esse respeito está diretamente relacionado às suas concepções sobre o brincar.

Contudo, concordo plenamente com as considerações de Marcellino, feitas acima, e reforço o que ele diz a respeito do furto lúdico.

Penso que todos aqueles que exigem muito da criança, cobrando-lhe boas notas, ótimo rendimento, vitórias, esquecendo-se da importância do prazer que a brincadeira proporciona aos pequenos, deveriam ler o que Marcellino escreve a esse respeito. De acordo com esse autor:

“o primeiro e fundamental aspecto sobre sua importância é que o brincar, o jogo, a brincadeira, são gostosos, dão prazer, trazem felicidade. E nenhum outro motivo precisaria ser acrescentado para afirmar a sua necessidade. Mas deve-se considerar também que, através do prazer, o brincar possibilita à criança a vivência de sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para sua formação como ser plenamente humano, participante da cultura da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de “produtividade social” (MARCELLINO. 1990, p.72).

Gostaria nesse momento, de ter a descontração de uma criança que brinca... Gostaria de escrever brincando, com a mesma espontaneidade que ela, criança, tem ao brincar... sem preocupação, sem regras, sem normas a serem seguidas seriamente, esquecer da vida enquanto escrevo, assim como ela o faz enquanto brinca...

Mas não é possível. É preciso estar atenta, ter cuidado, há regras a serem cumpridas, prazos a serem respeitados, e a criança já não está mais brincando despreocupadamente, eu já não escrevo assim como ela brinca. Já não é possível sonhar, é preciso trabalhar... Mesmo assim ela sonha, ela encontra espaços para isso, e na medida do possível, eu também.

Assim como ela, eu sonho (não os mesmos sonhos, é claro... quem me dera...) e espero que este trabalho contribua para a reflexão acerca da criança e do universo infantil, e que cada vez mais, os adultos dediquem-se ao estudo e à preocupação com o bem estar e a felicidade das crianças de maneira geral, não havendo distinções de gênero, raça ou nível social.

Afinal de contas, criança é criança, independentemente de qualquer outra idéia e a garantia de seu direito de vivenciar a infância, com o que esta tem de mais específico, que é o brincar, isso cabe a nós, adultos, possibilitar-lhes, da melhor maneira possível, proporcionando-lhes alegria, satisfação e prazer.

Isto somente será possível, se deixarmos as crianças brincarem livre e espontaneamente, sem interferência, cobranças ou interrupções, o que não significa abandoná-las à sua própria sorte, ou deixarmos de nos preocupar com a sua formação (com a sua preparação para o futuro, o que também é muito importante). Uma idéia não deve, em hipótese alguma, excluir a outra, ou seja, as duas atividades (e até mesmo outras) podem ser exercidas com a mesma "seriedade" . Deve haver tempo para os estudos, para as atividades complementares e tempo também para o delicioso momento da brincadeira infantil.

Fundamentalmente, é de extrema importância, que não nos esqueçamos o quanto é importante para a criança, seja ela menino ou menina, branca ou negra, pobre ou rica, vivenciar o brincar , tendo espaço e tempo para isso, enfim, para ela poder ser criança. Para isso, faz-se necessário que os adultos vejam as crianças como seres humanos tão importantes e especiais quanto eles (ou até mesmo mais especiais e, de maneira nenhuma, menos importantes). Trata-se, portanto, de um projeto a ser pensado, desenvolvido e implementado, com vistas a uma melhor colocação da criança em nossa sociedade.

Azevedo e Guerra referem-se a essa questão da pretensa superioridade do adulto em relação à criança, ao observarem que "o adulto tem, nas sociedades humanas geralmente adultocêntricas, mais poder que as crianças e/ou adolescentes" (AZEVEDO e GUERRA, 1995, p.57).

Um dos caminhos para a viabilização desse projeto, que antes de ser pedagógico, é humano, é, como nos apresenta Carrano, a diminuição da obrigação e do constrangimento e a viabilização de espaço e tempo para o

desenvolvimento da ludicidade. Como já foi colocado anteriormente, segundo esse autor:

“é suficiente afirmar que a criança brinca em quaisquer circunstâncias, que ela sempre encontra um “jeitinho” para se divertir sozinha ou em grupo, no trabalho ou nas brechas do gerenciamento escolar. O lúdico é um elemento presente na vida da criança, mas para que sua expressão máxima se manifeste – o jogo – é preciso que haja a suspensão da obrigação e do constrangimento, e, que sejam viabilizados espaço e tempo para o seu desenvolvimento”(CARRANO, 1992, p.70).

Podemos retomar, também o que foi dito anteriormente por Leif & Brunelle, com relação ao adultocentrismo e de como escapar a ele. De acordo com esses autores:

“procurar nos jogos de todas as idades as características da atividade lúdica constitui, sem dúvida, o único meio de escapar ao adultocentrismo que faz do jogo da criança e do adolescente ou a imitação da idade adulta ou então a recusa da maturidade” (LEIF & BRUNELLE, 1978, p.15).

Apesar da tentativa de algumas escolas (senão da maioria delas) de sobrepor o trabalho escolar (as obrigações) ao brincar – uma vez que é mesmo essa a função da escola – as crianças continuam encontrando espaços para se divertirem.

Retomando o que foi dito por Carvalho:

“o brincar da criança não gera lucro, no entanto, proporciona prazer e alegria, coisas esquecidas por grande parte dos adultos envolvidos em seu cotidiano, preocupados em sobreviver, e que através da escola querem fazer com que a criança também as esqueça” (CARVALHO, 1996, p.301).

No entanto, a criança não esquece, ela resiste, não desiste, pode não vencer sempre, mas luta, e brinca.

É interessante também, retomar aqui, o que foi dito por Carrano sobre a negação, por parte do adulto, do tempo para a criança brincar. Ele diz que:

"a perspectiva que busca encarar no tempo livre apenas o momento da negatividade e da ausência do projeto educativo, deixa de perceber o importante papel que a brincadeira infantil possui no processo de constituição do sujeito social. A negação do tempo livre e do espaço de brincadeiras, em última análise, acaba sendo a negação do próprio jogo infantil, da possibilidade da constituição dos grupos de brincadeiras, e da não percepção do papel estruturante da brincadeira e do lúdico para o processo de desenvolvimento do sujeito" (CARRANO, 1992, p.75).

Na verdade, não se pode dizer que existam, a respeito de tudo o que foi dito, conclusões finais, apenas pareceres provisórios, inacabados, pontos de vista sujeitos a alterações, a avanços, retornos, progressos, enfim, sujeitos a modificações.

A questão que discutimos neste trabalho não se encerra aqui, o que, se eu pretendesse fazer, somente demonstraria tolice e prepotência inútil de minha parte.

Espero apenas contribuir, dentro das restrições apresentadas por este estudo, com a discussão a respeito da infância (da criança e do brincar), e que as crianças, sejam elas de qualquer idade, sexo, cor ou classe social, possam brincar, em qualquer tempo e lugar.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. O mito da infância feliz. Antologia. São Paulo: Summus, 1983.

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da família. Editora Afiliada/ABDR, 1973, 1ª edição brasileira 1978.

BELINSKY, Tatiana (e outros). A produção cultural para a criança. Org. Regina Zilberman. P. A, Mercado Aberto, 1990.

BRUHNS, Heloísa Turini. *O jogo nas diferentes perspectivas teóricas*. Revista Motrivivência, Florianópolis, ano VIII, nº9, dezembro/1996.

CARRANO, Paulo César R. "Se der tempo a gente brinca": O lúdico e o Lazer da criança que trabalha e estuda.

CARVALHO, Nazaré Cristina. *Lúdico: Sujeito proibido de entrar na escola*. Revista Motrivivência, Florianópolis, ano VIII, nº9, dezembro/1996.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. Lazer e Consumo da Elites. Revista brasileira de Ciências Sociais, nº6, vol.3, fevereiro/1988. Vértice/Anpocs, SP.

FREITAS, Marcos Cesar de Freitas (org.). História Social da Infância no Brasil. Editora Cortez, 1997.

FREITAS OLIVIER, Giovanina Gomes. *Sobre dinossauros, carteiras e pássaros-lira: do lúdico na vida ao lúdico na escola*. Revista Motrivivência, Florianópolis, ano VIII, nº9, dezembro/1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a Educação Infantil. São Paulo, Editora Pioneira, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogo, brincadeira e educação física na pré-escola*. Revista Motrivivência, Florianópolis, ano VIII, nº9, dezembro/1996.

LEIF, Joseph e BRUNELLE, Lucien. O jogo pelo jogo. A atividade lúdica na educação de crianças e adolescentes. Zahar Editores, 1976.

MAGALHÃES PINTO, Leila Mirtes Santos. *Sentidos do jogo na educação física escolar*. Revista Motrivivência, Florianópolis, ano VIII, nº9, dezembro/1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Pedagogia da Animação. Campinas, SP, 1990.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Elementos para o entendimento do uso do tempo na infância, nas suas relações com o lazer*. Revista Motrivivência, Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. Ano VIII, nº9, dezembro/1996.

PIAGENTINI, Telma (org.). A modernidade, a infância e o brincar. Perspectiva Florianópolis. Editora da UFSC. Ano 12/nº 12/ agosto - dezembro de 1994.

SILVA, Maurício Roberto. Sonhos de criança: trabalho ou lazer.